



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO, COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA**

ANA LÚCIA OLIVEIRA DA CRUZ

**AUDIODESCRIÇÃO: DA TRADUÇÃO À MEDIAÇÃO
COMUNICACIONAL PARA A PRODUÇÃO DE SENTIDOS POR
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

BELÉM - PA

2025

ANA LÚCIA OLIVEIRA DA CRUZ

**AUDIODESCRIÇÃO: DA TRADUÇÃO À MEDIAÇÃO
COMUNICACIONAL PARA PRODUÇÃO DE SENTIDOS POR
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação. Linha de Pesquisa: Comunicação Cultura e Socialidades na Amazônia

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marina Ramos
Neves de Castro

BELÉM - PA

2025

- D111 Da Cruz, Ana Lúcia Oliveira.
Audiodescrição: da tradução à mediação comunicacional
para a produção de sentidos por pessoas com deficiência visual/ Ana
Lúcia Oliveira Da Cruz. - 2025.
80 f. : il. color.
- Orientador(a): Profª. Dra. Marina Ramos Neves de Castro
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-
Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia - Belém, 2025.
1. audiodescrição; comunicação; mediação;
experiência sensorial. I. Título: Audiodescrição: da tradução à
mediação comunicacional para a produção de sentidos por pessoas
com deficiência visual.

ANA LÚCIA OLIVEIRA DA CRUZ

**AUDIODESCRIÇÃO: DA TRADUÇÃO À MEDIAÇÃO
COMUNICACIONAL PARA A PRODUÇÃO DE SENTIDOS POR
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Pará, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, Mestrado em Ciências da Comunicação, para a defesa de Dissertação

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marina Ramos Neves de Castro

RESULTADO: () APROVADA () REPROVADA

Data:

Prof.^a Dr.^a Marina Ramos Neves de Castro

Programa de Pós-Graduação de Comunicação, Cultura e Amazônia
(PPGCOM/UFGA)

(Orientadora - Presidente da Banca)

Prof. Dr. Fabio Fonseca de Castro

Programa de Pós-Graduação de Comunicação, Cultura e Amazônia
(PPGCOM/UFGA)

(Avaliador Interno)

Prof.^a Dr.^a Flávia Affonso Mayer

Departamento de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
(Avaliadora Externa)

BELÉM – PARÁ

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, professora Dr^a Marina Ramos Neves de Castro, pelas contribuições intelectuais indispensáveis para o resultado deste trabalho. Agradeço a todas as pessoas com deficiência visual que participaram da pesquisa. Agradeço à Associação dos Estudantes com Deficiência da UFPA pela confiança nesta pesquisa. Agradeço à Universidade Federal do Pará por possibilitar o desenvolvimento deste estudo. Agradeço à Pró-Reitoria de Assistência e Acessibilidade Estudantil da UFPA pela disponibilidade de dados do sistema. Agradeço ao Grupo de Pesquisa Socialidades, Intersubjetividades, e Sensibilidades Amazônicas da UFPA (SISA), pela referência epistemológica. Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em de Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA pela formação qualificada, às professoras e professores do curso e a todas e todos colegas de turma do mestrado.

“Eu já não posso considerar a visão o sentido principal, porque enquanto um corpo movente, me desloco pelas ruas, penso, vivo e sonho, utilizo a sensibilidade perceptiva aguçada por tudo que no mundo acontece. Dessa maneira, sinto esse mundo através dos sons que meus ouvidos podem captar, do cheiro que as coisas emanam, das nuances do ar quando tocam minha pele. Além da percepção, ainda conto com Scarlett, minha bengala, que integra o meu sistema motor”.

Mônica de Nazaré Carvalho

RESUMO

A audiodescrição tem sido compreendida como um recurso de acessibilidade que traduz o signo visual em signo verbal para o acesso de pessoas com deficiência visual a imagens presentes em filmes, espetáculos teatrais, atividades esportivas e outras manifestações culturais. Esta pesquisa problematiza a audiodescrição, deslocando-a da concepção de tradução para a de mediação no campo da Comunicação, a partir dos aportes teóricos de Barbero (2009). O estudo foi norteado pelo seguinte problema: como a audiodescrição constitui-se enquanto mediação comunicacional para a produção de sentidos por pessoas com deficiência visual? Para o desenvolvimento teórico-metodológico, adotaram-se as contribuições de Bakhtin (1993; 1997; 2014), Maingueneau (2008; 2013) e Castro (2018). A análise fundamentou-se em grupos focais realizados com estudantes com deficiência visual da Universidade Federal do Pará como estratégia metodológica de apreensão de experiências mediadas pela audiodescrição nas dimensões dialógica, discursiva e sensorial. Os resultados evidenciam que a audiodescrição, enquanto mediação no campo da Comunicação, amplia a experiência sensorial da pessoa com deficiência visual e contribui para a sua constituição como sujeito ativo na produção de sentidos e na elaboração de imagens.

Palavras-chave: audiodescrição; comunicação; mediação; experiência sensorial

RÉSUMÉ

L'audiodescription est généralement comprise comme un dispositif d'accessibilité qui traduit le signe visuel en signe verbal, permettant aux personnes aveugles ou malvoyantes d'accéder aux images présentes dans les films, les spectacles théâtraux, les activités sportives et d'autres manifestations culturelles. Cette recherche problématise l'audiodescription en la déplaçant de la conception de traduction vers celle de médiation dans le champ de la Communication, à partir des apports théoriques de Martín-Barbero (2009). L'étude est guidée par la question suivante: comment l'audiodescription se constitue-t-elle en tant que médiation communicationnelle pour la production de sens par les personnes en situation de déficience visuelle? Pour le développement théorico-méthodologique, les contributions de Bakhtine (1993; 1997; 2014), Maingueneau (2008; 2013) et Castro (2018) ont été mobilisées. L'analyse s'appuie sur des groupes de discussion menés avec des étudiant·e·s en situation de déficience visuelle de l'Université fédérale du Pará, en tant que stratégie méthodologique visant à appréhender les expériences médiatisées par l'audiodescription dans ses dimensions dialogique, discursive et sensorielle. Les résultats montrent que l'audiodescription, comprise comme une médiation dans le champ de la Communication, élargit l'expérience sensorielle des personnes en situation de déficience visuelle et contribue à leur constitution en tant que sujets actifs dans la production de sens et dans l'élaboration d'images.

Mots-clés: audiodescription; communication; médiation; expérience sensorielle.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Ilustração 1 - Símbolo da audiodescrição	19
Ilustração 2 - Imagem audiodescrita nos grupos focais	58
Ilustração 3 - Imagem da Pirâmide Audiodescritiva	73

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

UFPA - Universidade Federal do Pará

UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

UEPA - Universidade do Estado do Pará

PPGCOM/UFPA - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia

PROAES/UFPA - Pró-Reitoria de Assistência e Acessibilidade Estudantil

CONSEPE/UFPA - Conselho Superior de Ensino

SISA - Grupo de Pesquisa Socialidades, Intersubjetividades e Sensibilidades Amazônicas

PcD / PCDs - Pessoa(s) com Deficiência

DV - Deficiência Visual

Libras - Língua Brasileira de Sinais

DOSVOX - Sistema de Leitura de Tela

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Audiodescrição da Ilustração 1	19
Tabela 2 - Quadro de participantes dos grupos focais	55
Tabela 3 - Audiodescrição utilizada nos grupos focais	57
Tabela 4 - Roteiro utilizado nos grupos focais	58
Tabela 5 - Quadro de respostas do grupo focal 1 do Eixo I	61
Tabela 6 - Quadro de Respostas do grupo focal 2 do Eixo I	62
Tabela 7 - Quadro de Respostas do grupo focal 3 do Eixo I	63
Tabela 8 - Quadro de Resposta do grupo focal 1 do Eixo II	64
Tabela 9 - Quadro de Respostas do grupo focal 2 do Eixo II	65
Tabela 10 - Quadro de Respostas do grupo focal 3do Eixo II	65
Tabela 11 - Quadro de Respostas do grupo focal 1 do Eixo III	67
Tabela 12 - Quadro de Respostas do grupo focal 2 do Eixo III	67
Tabela 13 - Quadro de Respostas do grupo focal 3 do Eixo III	68
Tabela 14 - Audiodescrição do Infográfico da Figura 3	73

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Abrindo o campo de visão.....	12
1.2 Problema de pesquisa.....	14
1.3 Justificativa/Motivação.....	15
1.4 Objetivo geral/ Específicos.....	18
1.5 Estrutura teórico-metodológica.....	18
 2 CAPÍTULO I - SUPORTES TEÓRICOS.....	 20
2.1 Sentidos em trânsito: da tradução à mediação.....	20
2.2 Audiodescrição dialógica: o sentido mediado pelo outro.....	23
2.3 Entre vozes e silêncio: a audiodescrição como mediação discursiva.....	30
2.4 Comunicação sensorial: a percepção do mundo com outros sentidos.....	36
2.5 O falatório e a audiodescrição como mediação do estar-no-mundo.....	45
2.6 Quando a cor é sentida.....	46
 3 CAPÍTULO II - METODOLOGIA.....	 51
3.1 A escuta sensível e a experiência com grupos focais.....	51
3.2 A dinâmica dos grupos focais.....	56
 4 CAPÍTULO III - ANÁLISE	 59
4.1 Construindo sentidos a partir da escuta.....	59
4.2 Eixo Dialógico.....	61
4.3 Eixo Discursivo.....	64
4.4 Eixo Sensorial.....	67
 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 74
REFERÊNCIAS.....	79
ANEXO.....	81

1 INTRODUÇÃO

1.1 Abrindo o campo de visão

A Universidade Federal do Pará foi uma das instituições pioneiras a adotar o sistema de cotas como política de inclusão social e democratização do acesso ao ensino superior. Em 2005, o Conselho Superior de Ensino (CONSEPE/UFPA) aprovou a regulamentação do sistema, estabelecendo cotas para estudantes de escolas públicas, negros, indígenas e pessoas com deficiência. A implementação do sistema ocorreu a partir do Processo Seletivo 2008, o que demarcou um passo significativo do compromisso da universidade com a equidade e a diversidade no ambiente acadêmico.

Somente em 2012 foi aprovada a Lei nº 12.711, conhecida como Lei de Cotas, que estabeleceu diferentes modalidades de ações afirmativas para o ingresso no ensino superior. Entre essas, destaca-se a cota escola, que reserva 50% das vagas de graduação para estudantes provenientes de escolas públicas. Desde o início, a UFPA já contemplava uma política de reserva de vagas para cotistas, não apenas seguindo o critério da cota escola, mas também assegurando vagas específicas para grupos sociais historicamente ausentes do ambiente acadêmico, como indígenas, negros e pardos e pessoas com deficiência.

Além do critério de Cota Escola, a lei estabeleceu o critério de renda para o ingresso pelo sistema de cotas, com reserva de 50% das vagas de cota escola destinadas a estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo (um salário-mínimo e meio) per capita, denominadas Cota Renda.

Em 2016, foi criada uma lei específica (Lei 13.409 de 2016) para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnicos de nível médio e superior das instituições federais de ensino. Em 2019, a Universidade Federal do Pará passou a disponibilizar uma vaga adicional em todos os cursos de graduação reservada, exclusivamente, para pessoas com deficiência (PCDs), além das vagas previstas na Lei 13.419 de 2016. Para concorrer a essas vagas, é necessário comprovar a condição de PcD, independentemente de ter estudado em escola pública ou privada.

As cotas trouxeram para as universidades uma diversidade de populações com demandas referentes às suas identidades, pertencimentos e direitos. Um processo muito importante, resultante da implantação da política de cotas, é a transformação social, cultural e comunicacional dos espaços acadêmicos a partir dos saberes e das resistências das pessoas recém-ingressantes por meio das reservas de vagas. É neste contexto acadêmico de reconfiguração do campo comunicacional, engendrado pela diversidade, que se insere a pesquisa apresentada nesta dissertação.

Entre o universo de ingressantes por meio de ações afirmativas, as pessoas com deficiência constituem um grupo relevante para o campo da Comunicação. De acordo com os dados de 2024 da Pró-Reitoria de Assistência e Acessibilidade Estudantil (PROAES/UFPa), há 964 estudantes com deficiência matriculados em cursos de graduação na instituição.

Entre esses, 76 discentes possuem deficiência auditiva sem uso de Libras; 14 têm deficiência auditiva de surdez, com uso de Libras; 411 possuem deficiência física, 14 têm deficiência física com uso de cadeira de rodas; 21 discentes têm deficiência intelectual; 16 possuem deficiências múltiplas, 165 têm deficiência visual com baixa visão; 29 possuem deficiência visual com cegueira; 85 têm deficiência visual/monocular e 133 possuem Transtorno do Espectro Autista (Universidade Federal do Pará, 2024, p. 60).

Podemos observar, a partir dos dados descritos que, entre o total de estudantes PcDs vinculados à UFPa, os discentes com deficiência visual formam o segundo grupo mais expressivo em número de matrículas. Quando se observa o contexto comunicacional em que pessoas cegas ou com baixa visão encontram-se inseridas no ensino superior, depara-se com uma realidade permeada por imagens como parte de suas experiências em interações sociais.

Esta pesquisa insere-se neste contexto e investiga como o público com deficiência visual participa do campo comunicacional por meio da audiodescrição, com a proposição de deslocá-la da função técnica de acessibilidade para concebê-la como mediação comunicacional para a produção de sentidos por pessoa cega ou com baixa visão. A perspectiva teórico-metodológica é de tensionar a hegemonia do visual no campo da Comunicação, a partir de uma abordagem em que a pessoa com deficiência visual participa do campo comunicacional como sujeito ativo na elaboração de imagem.

1.2 Problema de pesquisa

Ao pensar sobre o estágio atual da Comunicação, Bucci (2021) identifica que o olhar passou a ter um lugar central na lógica da produção e circulação do capital. Segundo o autor, estabelece-se uma mutação das relações de produção em que “o capital, além de explorar a força de trabalho, aprendeu a explorar o olhar”. O autor argumenta que o olhar se tornou também força produtiva, pois é valorizado em função do que produz, e não apenas do que pode ver (Bucci, 2021, p. 22).

As reflexões de Bucci (2021) instigam a investigação acerca da relação das pessoas com deficiência visual nesse cenário em que o olhar toma proporções centrais no campo da Comunicação. Nesse sentido, é importante que se analise como as pessoas cegas ou com baixa visão participam da produção, circulação e reprodução de imagens, no sentido de serem autônomas em suas atividades comunicacionais.

Cabe destacar que compartilhamos o entendimento de Mondzain (2016) sobre imagem como constituição do sujeito social, pois, como afirma a autora, “não há sujeito sem imagem” (Mondzain, 2016, p. 182). Por meio dessa concepção, é possível ampliarmos o campo de reflexão sobre as formas de ver e compreendemos a imagem como experiência sensorial.

É nesse contexto que esta pesquisa se insere, elegendo a audiodescrição como foco de análise. A audiodescrição tem sido conceituada, tradicionalmente, como um recurso técnico de acessibilidade que traduz o visual para o verbal, sendo comumente utilizado no campo da educação especial. Estamos propondo, neste estudo, fazer o deslocamento conceitual, situando a audiodescrição como mediação no terreno da Comunicação, a partir de Martín-Barbero (2009). Assim, considerando a relevância da relação entre as pessoas com deficiência visual e a imagem para os estudos do campo da Comunicação, o problema que norteia o desenvolvimento desta pesquisa é:

Como a audiodescrição constitui-se enquanto mediação comunicacional para a produção de sentidos por pessoas com deficiência visual?

Entendemos que compreender a audiodescrição no campo da Comunicação exige olhar, não apenas para o ato de traduzir o visual em palavras, mas para o modo como a audiodescrição participa das experiências

sensoriais e comunicacionais de pessoas cegas ou com baixa visão. Consideramos que o conceito de mediação amplia a percepção sobre a relação da pessoa com deficiência visual com a imagem, no sentido de se constituir como um fenômeno mediador de suas interações sociais e comunicacionais.

Assim, o problema que orienta esta pesquisa emerge da necessidade de compreender como esse o dispositivo da audiodescrição opera enquanto mediação comunicacional na vida da pessoa com deficiência visual.

1.3 Justificativas/Motivações

Iniciei meu contato com a audiodescrição em 2017, quando uma Coordenadoria de Acessibilidade foi incorporada ao setor de trabalho no qual desenvolvia assessoria de comunicação. Tratava-se de uma diretoria de Assistência Estudantil da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Pará. Entre o público-alvo das ações da diretoria, encontravam-se as pessoas com deficiência, estudantes da UFPA.

Passamos então a ter uma necessidade de tornar acessíveis as informações publicadas no site e redes sociais do órgão. Naquele momento, observamos que, em certa medida, havia uma acessibilidade comunicacional destinada ao público com deficiência auditiva. Entretanto, quando se tratava do acesso à imagem, nenhum setor de comunicação da UFPA tinha qualquer ação de acessibilidade.

A acessibilidade para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) era adotada por meio de programas digitais que faz a tradução e pela atuação de profissionais intérpretes. Além, disso, programas digitais de leitores de textos em tela, com emissão de som e voz, a exemplo do DOSVOX, permitiam que pessoas com deficiência visual acessassem textos escritos em telas que não estivessem contidos em imagem fechadas.

No entanto, quando se atentava para a leitura de imagens, havia uma carência desta acessibilidade nos órgãos de comunicação da UFPA. A audiodescrição de imagens para o estudante com deficiência visual é tão importante e indispensável quanto a presença de tradução em Libras para o estudante com deficiência auditiva.

Compreendemos, naquele momento, que a ausência de uso da audiodescrição de imagens publicadas nas plataformas de comunicação da

universidade negava às pessoas com deficiência visual o direito de acesso à informação e resultava em enorme prejuízo para o desenvolvimento acadêmico dos estudantes cegos ou com baixa visão, especialmente diante da perspectiva de uma educação cada vez mais integrada por tecnologias digitais e com grande apelo e predominância de linguagens visuais.

O dever profissional de garantir o acesso à informação pública associado à conscientização sobre os direitos das pessoas com deficiência, levou-me a buscar formação e aprendizagem voltadas para acessibilizar os conteúdos informativos publicados nas plataformas de comunicação da assistência estudantil da UFPA.

A aprendizagem em audiodescrição ocorreu por meio da realização de cursos, de orientações de profissionais da área da educação especial e, sobretudo, por meio da convivência com estudantes com deficiência, com os quais passei a realizar uma escuta atenta a respeito das necessidades de acessibilidade em comunicação institucional. O objetivo inicial foi tornar o site da assistência estudantil e as redes sociais acessíveis com a audiodescrição das imagens.

Assim, fortalecemos o conhecimento na área de audiodescrição, a exemplo de curso de aperfeiçoamento realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), que conta com um Núcleo de Acessibilidade muito atuante em formação de profissionais de audiodescrição, com diversos cursos técnicos na área para a produção de roteiro e narração e de realização de audiodescrição ao vivo em teatros, cinemas, exposição de obras de arte em museus.

A partir dessas formações, integrei a comissão de organização do primeiro curso de audiodescrição realizado para profissionais de comunicação lotados na Assessoria de Comunicação da Universidade Federal do Pará (ASCOM/UFPA). Realizei, também, a audiodescrição de um acervo de obras de arte da Casa de Estudantes Universitários do Campus Belém da UFPA, composto por obras doadas por artistas paraenses. Além disso, realizei formação como ledora de livros falados na Universidade do Estado do Pará (UEPA).

Todo o processo formativo na área de audiodescrição foi qualificado de forma exponencial com a convivência com pessoas com deficiência visual. A interação com o público dos programas de acessibilidade da assistência estudantil da UFPA me fez ter um olhar mais acurado para a audiodescrição para

além de seu caráter técnico de acessibilidade. Passei a perceber que a audiodescrição fazia parte do cotidiano comunicacional das pessoas com deficiência.

Por meio da interação com os estudantes, pude perceber que o entendimento da audiodescrição, para eles, envolvia memórias visuais, repertórios culturais, experiências táteis, afetivas e sociais, em um processo que extrapola a verbalização de elementos visuais.

A partir dessas reflexões, pude perceber que havia lacunas no estudo da audiodescrição no campo da Comunicação, pois, ainda, vinculava-se fortemente ao setor técnico da acessibilidade. Tornou-se urgente, então, investigar a audiodescrição sob uma perspectiva teórico-metodológica da Comunicação. Assim, o problema que orienta esta pesquisa emerge da necessidade de compreender como o dispositivo da audiodescrição opera enquanto mediação comunicacional para a pessoa com deficiência visual, cuja classificação das deficiências é explicitada por Mayer (2016):

Levando em conta estas três instâncias oculares, temos que a deficiência visual de uma pessoa pode ser classificada como cegueira ou baixa visão. A baixa visão é definida por Campos, Sá e Silva (2007) como o comprometimento das funções visuais, impactando significativamente a acuidade visual e/ou o campo visual e/ou potencial da visão (ocular). Isso significa que, mesmo utilizando aparatos de correção óptica, os indivíduos com baixa visão não conseguem obter o desempenho visual ocular considerado “normal”, apresentando uma interação limitada com o input visual ocular. Por sua vez, uma pessoa é considerada cega se, segundo as autoras, apresentar uma alteração grave ou total de uma ou mais dessas instâncias elementares da visão (ocular). (Mayer, 2016, p. 6).

Diante deste contexto, para se entender como a audiodescrição se configura como mediação sensorial e comunicacional para as pessoas com deficiência visual, torna-se fundamental analisar os processos que conduzem à interação comunicacional de pessoas cegas ou baixa visão por meio da audiodescrição. É dessa necessidade analítica que derivam os objetivos que organizam esta pesquisa, voltados a compreender o modo como a audiodescrição participa da produção de sentidos para pessoas com deficiência visual.

1.4 Objetivos

Objetivo geral

- Analisar como a audiodescrição medeia experiências comunicacionais e sensoriais na produção de sentidos por pessoas com deficiência visual.

Objetivos específicos

- Compreender a audiodescrição como dispositivo comunicacional, capaz de inserir pessoas com deficiência visual como sujeitos ativos na produção de sentidos.
- Examinar os processos mobilizados pela audiodescrição na interação entre texto audiodescrito e ouvinte.
- Identificar estratégias discursivas presentes na audiodescrição.
- Investigar a dimensão sensorial envolvida no processo da audiodescrição.

1.5 Estrutura teórico-metodológica

Para sustentar o percurso desta investigação, tornou-se necessário articular um arcabouço teórico-metodológico capaz de compreender a audiodescrição para além de um recurso técnico, situando-a como fenômeno discursivo e sensorial no campo da Comunicação. Como suportes teóricos, adotamos os estudos de Bakhtin (1993,1997,2014) e Maingueneau (2013; 2008), que oferecem uma perspectiva para se pensar a audiodescrição como recurso de mediação dialógica e discursiva. Trabalhamos com Castro (2018) e Mayer (2016), autoras que ressaltam que a Comunicação não se restringe ao âmbito verbal, mas mobiliza, igualmente, dimensões sensoriais que participam da produção de sentidos.

Optamos por desenvolver a investigação a partir dos referenciais da pesquisa qualitativa com a adoção de grupos focais como método de produção de dados, nos quais estudantes cegos ou com baixa visão participaram com o objetivo de se entender como constroem imagens, elaboram sentidos e vivenciam a audiodescrição em suas experiências comunicacionais.

Esta dissertação organiza-se a partir da apresentação do contexto na qual se insere, marcado pela diversidade comunicacional engendrada pela

política cotas na Universidade Federal do Pará, e encontra-se estruturada em três capítulos articulados entre si.

No primeiro capítulo, desenvolve-se o aporte teórico que sustenta a pesquisa, com apresentação das bases conceituais que interpretam a audiodescrição como mediação em três dimensões: dialógica, discursiva e sensorial. No segundo capítulo, estão descritos os procedimentos metodológicos construídos, bem como se justifica a escolha de grupos focais como estratégia capaz de colher experiências, interpretações e modos de produção de sentido de pessoas com deficiência visual. São apresentados o percurso de construção do *corpus*, o perfil dos participantes, os instrumentos utilizados e os critérios de análise.

No terceiro capítulo, realiza-se a análise e interpretação dos dados gerados nos grupos focais e examina-se como os participantes constroem sentidos a partir da audiodescrição e, de que forma, mobilizam repertórios sensoriais e quais implicações esses resultados trazem para o campo da Comunicação.



Ilustração 1 - Símbolo da audiodescrição no Brasil

IMAGEM COM FUNDO PRETO. NO CENTRO, EM DESTAQUE, AS LETRAS “AD” NA COR BRANCA, EM FONTE GRANDE E GROSSA. À DIREITA DAS LETRAS, HÁ TRÊS LINHAS CURVAS TAMBÉM EM BRANCO, POSICIONADAS LADO A LADO, QUE LEMBRAM ONDAS SONORAS SE PROPAGANDO PARA FORA.

Tabela 1- Audiodescrição da Ilustração 1

2 CAPÍTULO I - SUPORTES TEÓRICOS

2.1 Sentidos em trânsito: da tradução à mediação

No ensaio intitulado “Aspectos Linguísticos da Tradução”, o linguista russo, Roman Jakobson apresentou o conceito de tradução intersemiótica, no qual define que “a tradução consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais. (Jakobson, 1985. p. 65). A formulação deste autor, em nossa compreensão, tem norteador as definições sobre a audiodescrição como recurso técnico em estudos na área da acessibilidade, como explicita a concepção de (Franco; Silva, 2010):

A audiodescrição consiste na transformação de imagens em palavras para que informações-chave transmitidas visualmente não passem despercebidas e possam também ser acessadas por pessoas cegas ou com baixa visão”. (Franco; Silva, 2010, p. 23).

O conceito de tradução tem importância no campo da Linguística e foi fundamental para a estruturação da audiodescrição como técnica de acessibilidade. Contudo, responder às exigências da análise deste recurso no campo da Comunicação, a perspectiva de tradução precisa ser ampliada para que abarque todas as dimensões comunicacionais envolvidas no processo de audiodescrição.

Nesta pesquisa, situada no campo da Comunicação, compreendido como um espaço de interação social a partir da perspectiva de Simmel (1983), entende-se a Comunicação como processo relacional. Essa concepção é referendada por Fantinel (2016), ao destacar as ideias de Simmel, segundo as quais “tudo aquilo que estaria presente nos indivíduos sob forma de impulso, interesse ou propósito, na interação com os demais, constituiria o que o autor denomina conteúdo da sociação” (Fantinel, 2016, p. 141).

A partir dessa compreensão, propõe-se deslocar a audiodescrição do conceito de tradução para o de mediação, com base nas contribuições teóricas de Jesús Martín-Barbero (2009), em sua formulação acerca da necessidade de se deslocar o olhar dos meios para as mediações nos processos comunicacionais.

Este deslocamento expande e problematiza a interação entre os sujeitos envolvidos nos processos de audiodescrição, compreendidos como participantes

de uma experiência comunicacional coletiva em que seus repertórios, memórias, e vivências sensoriais entram em cena para o processo de elaboração de imagem. Situar a audiodescrição como mediação no campo da Comunicação significa compreender a pessoa com deficiência visual como agente produtor ativo de conteúdo comunicacional, e não apenas como audiência dos meios de comunicação.

O conceito de mediação, desenvolvido por Barbero (2009), constitui uma das mais importantes contribuições para o campo da Comunicação, no qual o autor propõe a mudança do foco dos estudos comunicacionais, que estavam até então concentrados na análise dos meios de comunicações como difusores onipresentes de conteúdos moldadores da cultura, destinados a uma audiência passiva, pouco crítica e destituída de intencionalidades e subjetividades.

Para Martín-Barbero (2009), a Comunicação não pode ser compreendida como um processo técnico restrito à emissão e à recepção de mensagens. Para o autor, a Comunicação é sobretudo interação social marcada pelos processos culturais e históricos e pelas disputas de sentido que atravessam a sociedade. Nesse cenário, surge a noção de mediação como um conjunto de processos que intervêm entre a produção e a recepção de mensagens comunicacionais para a construção de sentidos e práticas culturais intersubjetivas.

Assim, a mediação assume centralidade para os processos de interação comunicacional, nos quais os indivíduos reinterpretam e ressignificam conteúdos, a partir de suas subjetividades, como afirma Martín-Barbero (2009).

Assim a comunicação se tornou para nós questão de mediações, mais que de meios, questões de cultura e, portanto, não só de conhecimento, mas de reconhecimento. Um reconhecimento que foi de início, operação de deslocamento metodológico para rever o processo inteiro da comunicação a partir de seu outro lado, o da recepção, o das resistências que aí têm seu lugar, o da apropriação a partir de seus usos. (Barbero, 2009, p. 28).

O autor baseou-se nos apontamentos de Walter Benjamin para compor seu conceito de mediação, sobre o qual afirma ser Benjamin o pioneiro a “vislumbrar a mediação fundamental que permite pensar historicamente a relação de transformação nas condições de produção com as mudanças do espaço da cultura, isto é, as transformações do *sensorium*, dos modos de percepção da experiência social”. (Barbero, 2009 p. 80).

Este *sensorium* é uma categoria interpretativa de Martín-Barbero (2009) extraída das reflexões de Benjamin, do qual podemos inferir o fato de que as formas de se perceber e experienciar o mundo não são naturais ou estáticas, mas social e historicamente constituídas. “Benjamim se propõe então a tarefa de pensar as mudanças que configuram a modernidade a partir do espaço da percepção”. (Barbero, 2009, p. 81).

Martín-Barbero (2009) retoma o conceito de *sensorium* de Walter Benjamin, como chave para compreender a Comunicação de forma mais complexa, além de uma restrita transmissão de mensagens, mas como um fenômeno de transformação histórica. Dessa compreensão decorre sua proposta de deslocar o foco analítico “dos meios às mediações”, entendendo que a centralidade da Comunicação reside nas práticas sociais e culturais que configuram o *sensorium* e produzem sentidos na vida cotidiana.

Para esta pesquisa, assume especial relevância a leitura que Martín-Barbero (2009) faz sobre os pensamentos de Benjamin quando revela que, para este autor, o espaço de percepção é indispensável para se pensar a modernidade. Para as pessoas com deficiência visual, a percepção a partir de outros sentidos, que não a visão, assume um lugar central para as suas interações sociais.

Neste entendimento, a audiodescrição insere-se justamente como mediação comunicacional quando desloca e amplia os modos de percepção da pessoa com deficiência visual. Ao mediar a elaboração de imagens, a audiodescrição participa ativamente da reconfiguração do *sensorium* social em torno da pessoa cega ou com baixa visão.

A mediação permite compreender a audiodescrição como processo cultural e sensorial, no qual os sujeitos se apropriam e ressignificam os conteúdos. Assim, este recurso deixa de ser visto como uma prática de transmissão de signos verbal para o visual e passa a ser entendido como mediação comunicacional, em que a produção de sentido se dá no encontro e na experiência entre a audiodescrição realizada por um sujeito histórico, o audiodescritor, e outro sujeito também histórico, a pessoa com deficiência visual.

. É importante situar que a mediação, nesta pesquisa, estabelece o lugar em que ocorrem as interações sociais para a produção de sentido. Compreendemos, assim, que a audiodescrição participa como mediação

comunicacional quando incluiu os repertórios culturais e sensibilidades das pessoas com deficiência visual no processo de elaboração de imagem.

Por isso, a ênfase de Barbero (2009) em afirmar que a cultura perpassa a Comunicação e que, nesta esfera, estabelecem-se disputas, acordos e compartilhamento para a produção de sentido. Este entendimento permite que se reflita sobre a audiodescrição para além dos parâmetros técnicos de sua elaboração, mas como um processo que, em interação social com a pessoa com deficiência visual, gera uma produção de sentido a partir do encontro entre sujeitos.

Portanto, compreender a audiodescrição como mediação comunicacional implica reposicionar o olhar sobre o campo da Comunicação. A audiodescrição torna-se, assim, uma chave interpretativa para se repensar os modos de participação comunicacional das pessoas com deficiência visual, quando reconhece nelas sujeitos ativos na produção de sentidos e na elaboração de imagem. Essa perspectiva amplia o próprio campo da Comunicação, ao integrar dimensões sensoriais ainda marginalizadas na esfera comunicacional para a produção de sentidos.

2.2 Audiodescrição dialógica: o sentido mediado pelo outro

A perspectiva de se compreender a audiodescrição como mediação encontra ressonância nas reflexões de Bakhtin (1993), para quem a linguagem é, em sua essência, um processo dialógico. Considerando que a audiodescrição é elaborada a partir da produção de um texto, o dialogismo, conceito central da obra deste autor, afirma que nenhum enunciado existe de forma isolada, mas sempre em relação a outros enunciados anteriores e futuros, constituindo-se em um movimento contínuo de respostas e antecipações. Para este autor a relação dialógica é condição de todo ato social:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos ao objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e intensa". (Bakhtin, 1993, p. 88).

Neste sentido, todo texto é inseparável de seu contexto social. A palavra, enquanto signo, não se reduz a um veículo neutro de informação, mas se

constitui no interior de relações sociais e históricas. Como afirma o autor, “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência” (Bakhtin, 2014, p. 36). Isso mostra que o discurso é sempre atravessado por valores, intenções e experiências compartilhadas.

Trazendo esta dimensão para a audiodescrição, percebe-se que o ato de descrever uma imagem não se dá apenas como técnica de tradução, mas como prática comunicacional dialógica, em que a palavra se torna ponte entre sujeitos “Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra, apoia-se sobre seu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (Bakhtin, 2014, p. 117).

Nessa perspectiva, a audiodescrição torna-se uma mediação, na qual as experiências do audiodescritor e da pessoa com deficiência visual se encontram e permitem a construção dialógica de sentidos. Isso implica em compreender a audiodescrição como ato enunciativo que integra repertórios, memórias e vivências sensoriais dos participantes e configura-se como uma experiência compartilhada de comunicação. Assim, podemos compreender que, para Bakhtin, a interação social é criadora do signo como linguagem comunicacional:

Todo signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condicionalidades em que a interação social acontece (Bakhtin, 2014, p.45).

Bakhtin (2014) chama o ato concreto da linguagem de enunciação, que vai além de uma frase, mas trata-se de um acontecimento social em que alguém diz algo a alguém. Para o autor a enunciação é “um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística” (Bakhtin, 2014, p. 126).

A enunciação individual, por sua vez, não é um fato isolado, mas uma manifestação social: “a estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social. A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. O ato de fala individual (no sentido estrito do termo “individual”) é uma *contradictio in adjecto*” (Bakhtin, 2014, p. 132).

Sendo assim, a audiodescrição configura-se como prática mediadora e dialógica em que cada enunciação audiodescritiva de uma imagem surge da interação entre o audiodescritor e a pessoa com deficiência visual, integrando-se à rede de significados compartilhados na comunicação textual, como podemos perceber na afirmação de Bakhtin:

Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, à política etc.). Mas essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinante. Um importante problema decorre daí: o estudo das relações entre interação concreta e a situação extralinguística – não só a situação imediata, mas também, através dela, o contexto social mais amplo. (Bakhtin, 2014, p. 128).

Então, a partir do olhar de Bakhtin (2014), compreendemos que a audiodescrição como mediação dialógica expande a concepção de instrumento que acessibiliza o visual à pessoa com deficiência visual, mas como ato social de linguagem, como enunciação que produz sentidos compartilhados, como um espaço de mediação que articula vozes, experiências e contextos e alinha-se, assim, à Comunicação como processo social e cultural a partir da palavra mediada. “Nenhum signo cultural, quando compreendido e dotado de um sentido, permanece isolado: torna-se parte da unidade da consciência verbalmente constituída (Bakhtin, 2014, p. 38).

Se Bakhtin (1997) constrói a categoria de “enunciação” como o ato social de dizer, sempre situada, historicamente e orientada ao outro, este mesmo autor define que o “enunciado” é o produto concreto desse ato de enunciação. Trata-se do resultado material, que pode ser oral, escrito, gestual ou artístico e se constitui como unidade da comunicação verbal, como explicita o autor:

A indeterminação e a confusão terminológicas acerca de um ponto metodológico tão central no pensamento lingüístico resultam de um menosprezo total pelo que é a unidade real da comunicação verbal: o enunciado. A fala só existe, na realidade, na forma concreta dos enunciados de um indivíduo: do sujeito de um discurso-fala. O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma. Quaisquer que sejam o volume, o conteúdo, a composição, os enunciados sempre possuem, como unidades da comunicação verbal, características estruturais que lhes são

comuns, e, acima de tudo, fronteiras claramente delimitadas. (Bakhtin, 1997, p. 294).

Ao pensarmos a audiodescrição como mediação no campo da Comunicação, podemos compreender que cada enunciação audiodescritiva, seja ela de uma imagem estática, um gesto no cotidiano ou em um espetáculo de teatro, constitui-se como um enunciado, isto é, como uma forma discursiva dotada de intencionalidade e produto do ato social de se direcionar ao outro. Sendo assim, reforça-se que a audiodescrição amplia a concepção de tradução de signos visuais em signos verbais e torna-se uma enunciação situada em um processo de interação social entre sujeitos.

Bakhtin (1997) critica a tradição linguística que considerava a linguagem apenas como expressão individual ou função de pensamento:

Saussure definiu o enunciado (a fala) como “ato individual de vontade e de inteligência, no qual convém distinguir as combinações pelas quais o sujeito falante utiliza o código da língua a fim de expressar seu pensamento pessoal; o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações”. (Bakhtin, 1997, p. 305).

Se pensarmos a audiodescrição como mediação, ela necessariamente, pressupõe o outro como interlocutor ativo da comunicação. Assim como Bakhtin (1997) afirma que “toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz” (Bakhtin, 1997, p. 291), a audiodescrição também evoca uma resposta sensorial, cognitiva e emocional do público. A pessoa com deficiência ela reconstrói o mundo visível por meio do enunciado sonoro, respondendo internamente sobre o que escuta, seja imaginando, interpretando, sentindo ou até discordando da mediação audiodescritiva proposta.

Bakhtin (1997), reitera que o “enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal. Tem fronteiras nítidas, determinadas pela alternância dos sujeitos falantes”. (Bakhtin, 1997, p. 320). O modelo de interpretação que entende o ouvinte como mero decodificador, seria análogo a uma audiodescrição que se limitasse à descrição técnica, desprovida de dialogicidade em relação à pessoa com deficiência visual.

Neste sentido, a audiodescrição se realiza dentro do campo que Bakhtin chama de “compreensão responsiva ativa” (Bakhtin, 1997, p. 291). A mediação

audiodescritiva somente cumpre sua função quando promove essa responsividade e quando a pessoa com deficiência visual pode agir simbolicamente sobre o fenômeno narrado. A audiodescrição torna-se, então, um enunciado dentro de uma grande enunciação social, em que os diversos sentidos se entrelaçam na experiência sensorial para a produção de sentidos.

Outra contribuição importante contida nos estudos bakhtinianos (1997) é a ideia de que “cada enunciado é um elo na cadeia muito complexa de outros enunciados” (Bakhtin, 1997, p. 292). A audiodescrição, como mediação comunicacional, também se insere nessa concepção de cadeia, pois vincula-se à imagem visual que é, por si mesma, um enunciado e que, por sua vez, dialoga com a pessoa com deficiência visual.

Bakhtin (1997) descreve, ainda o “acabamento do enunciado” como o momento em que o locutor “disse tudo o que queria dizer num preciso momento e em condições precisas” (Bakhtin, 1997, p. 300). Este acabamento é importante na audiodescrição como enunciado, que significa a condição para que o outro possa responder e não o fim da comunicação.

Da mesma forma, cada trecho da audiodescrição deve possuir um acabamento que permita à pessoa com deficiência visual, compreender, reagir e reconstruir mentalmente a cena audiodescrita. O silêncio entre as descrições, o ritmo, o tom e a escolha vocabular são elementos de acabamento discursivo, marcas da mediação dialógica que constitui a audiodescrição.

Pensar audiodescrição a partir de Bakhtin (1993) permite compreendê-la como linguagem resultante da interação social. Bakhtin (1993) propõe uma compreensão da palavra como expressão intencional que se realiza na interação. Assim se expressa o autor a respeito da palavra como interlocução com o outro:

Precisamos que se trata do sentimento do engendramento de uma palavra significante: não o sentimento de um movimento orgânico bruto, que engendra a ato físico da palavra, ou seja, o sentimento de um movimento de uma tomada de posição concernente ao homem inteiro de um movimento no qual estão incorporados tanto o organismo como atividade semântica, pois engendra a carne e o espírito da palavra na sua unidade concreta. (Bakhtin, 1993, p. 62).

Essa noção amplia a possibilidade de se entender a audiodescrição como ato dialógico de mediação, em que a voz, o ritmo, a entonação e a escolha

vocabular produzem sentidos que emergem na relação entre o audiodescritor e seu interlocutor. Bakhtin (1993) distingue alguns elementos que compõem a palavra enquanto materialidade:

1. O aspecto sonoro da palavra, seu momento propriamente musical.
2. O significado material da palavra (com todas as suas nuances e variantes)
3. O momento de ligação vocabular (todas as relações e interrelações puramente vocabulares)
4. O momento intencional (no plano psicológico, emocional e volitivo) da palavra, sua orientação axiológica que exprime a variedade das relações axiológicas do falante.
5. O sentimento da atividade vocabular, do engendramento ativo do som significativo (incluem-se aqui todos os momentos motores, a articulação, o gesto, a mímica do rosto etc. (Bakhtin, 1993, p. 62).

Podemos perceber pelos componentes citados, que Bakhtin (1993) considera que o som, a emoção e a intenção participam do processo de significação. No arcabouço da audiodescrição, isso se manifesta de forma particularmente intensa, pois o texto falado assume uma função de mediação comunicativa sensorial, pois a voz que descreve carrega corporeidade, ritmo e sentimentos e torna-se parte da experiência simbólica. Assim, cada frase audiodescrita é um ato de linguagem que engendra o que o autor chama de “carne e espírito da palavra na sua unidade concreta” (Bakhtin, 1993, p. 62).

Ao reconhecer esse caráter dialógico da palavra, Bakhtin se aproxima de uma concepção de linguagem que integra o corpo, a emoção e o pensamento em uma produção de sentido. Ele afirma que o sentimento da palavra não é apenas “um movimento orgânico bruto, mas um movimento no qual estão incorporados tanto o organismo como a atividade semântica”. (Bakhtin, 1993, p. 62).

Bakhtin (1993) lembra, ainda, que toda palavra está orientada para o outro. “A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo” (Bakhtin, 1993, p. 88). A palavra emitida pela enunciação da audiodescrição, neste sentido, nasce direcionada ao ouvinte, para a interação que ela espera despertar no outro.

Cada escolha do audiodescritor, ao elaborar o texto audiodescrito, define o que enfatizar, o que omitir, como nomear, o que destacar. A audiodescrição

constitui-se, assim, como um convite à resposta do sujeito que escuta. Assim, a pessoa com deficiência visual assume a condição de sujeito recriador do texto audiodescrito, na medida em que reelabora o discurso recebido a partir de seus repertórios.

Essa dimensão dialógica é ainda mais explícita quando Bakhtin (1993) afirma que “o discurso nasce do diálogo como réplica viva [...] e é orientado para a resposta” (Bakhtin, 1993, p. 89). A audiodescrição pode ser compreendida como essa réplica, ela responde ao que é visível como uma réplica sonora que amplia a experiência sensorial do espectador cego ou com baixa visão. Cada enunciação audiodescritiva carrega, portanto, a expectativa da resposta do outro de forma mediada no processo comunicacional.

No paradigma bakhtiniano (1993), não existe linguagem fora da relação social. O autor observa que, no cotidiano, “fala-se sobretudo a respeito daquilo que os outros dizem”, e que há uma “hermenêutica do cotidiano” que nos faz interpretar, responder e avaliar constantemente as palavras do outro” (Bakhtin, 1993, p. 139). Esse olhar sobre a linguagem do cotidiano é uma maneira de compreender que toda enunciação é atravessada pela voz do outro em todos os níveis de produção e reprodução da linguagem, como podemos perceber nos escritos de Bakhtin:

Ouve-se, no cotidiano, a cada passo, falar do sujeito que fala e daquilo que ele fala. Pode-se mesmo dizer: fala-se no cotidiano sobretudo a respeito daquilo que os outros dizem – transmitem-se, evocam-se, ponderam-se, ou julgam-se as palavras dos outros, as opiniões, as declarações, as informações; indigna-se ou concorda-se com elas, discorda-se delas, refere-se a elas etc. Se prestarmos atenção aos trechos dos diálogos tomado vivo na rua, na multidão, nas filas, no hall etc., ouviremos com que frequência se repetem as palavras “diz”, “dizem”, “disse”, e frequentemente escutando-se uma conversa rápida de pessoas na multidão, ouve-se como que tudo se junta num único “ele diz”, “você diz”, “eu digo” E como é importante o “todos dizem” e o “ele disse” para a opinião pública, a fofoca, o mexerico, a calúnia etc. É necessário considerar também a importância psicológica no cotidiano daquilo que se fala de nós e a importância para nós de como entender e interpretar as palavras dos outros (“hermenêutica do cotidiano”). (Bakhtin, 1993, p. 139).

Assim, também ocorre na audiodescrição, o audiodescritor constrói um discurso sobre a imagem, mediando a produção de sentido pela pessoa com deficiência visual em uma escuta que deve ser sensível para captar a

expressividade do visível com formas sonoras e sensoriais. Podemos, a partir do pensamento de Bakhtin, pensar em uma audiodescrição centrada na percepção da pessoa com deficiência visual e por meio da qual o sentido nasce do diálogo entre o texto e o ouvir dialógico.

Bakhtin (1993) ainda adverte que “por maior que seja a precisão com que é transmitido, o discurso de outrem [...] sempre está submetido a notáveis transformações de significado” (Bakhtin, 1993, p. 141). Essa observação revela o caráter interpretativo e criativo do audiodescritor. Ao realizar a mediação, o audiodescritor transforma o sentido original do visível e o insere em um novo contexto de percepção do ouvinte.

O resultado é uma recriação dialógica que reformula o discurso visual em linguagem sonora de forma mediada. Podemos afirmar, com isso, que se trata da própria condição de existência da audiodescrição como processo de mediação entre linguagens para a produção de sentidos.

Sob a ótica de Bakhtin, portanto, a audiodescrição pode ser compreendida como uma mediação dialógica, em que o som traduz e reinterpreta a imagem a partir da convivência de vozes. A palavra audiodescritiva abre um campo de interação simbólica, no qual o ouvinte participa ativamente da construção do significado. O audiodescritor e a pessoa cega ou com baixa tornam-se coautores da enunciação, unidos por uma mesma experiência mediada pela linguagem.

Assim, ao dialogar com Bakhtin, compreende-se que a audiodescrição é um encontro entre discursos que se comunicam por meio de vozes sociais. Ela se torna, nesse sentido, uma experiência simbólica que faz da palavra o espaço de interação onde se cruzam o ver, o ouvir e a produção de sentido.

2.3 Entre vozes e silêncio: a audiodescrição como mediação discursiva

Um outro campo teórico que se abre para se pensar a audiodescrição como mediação é o da Análise do Discurso, considerando que o audiodescritor elabora um texto como roteiro de sua fala para mediar sentidos presentes em uma imagem. Um autor que trazemos para contribuir nesta reflexão é Maingueneau (2013). Estudioso da prática discursiva, assim ele se pronuncia sobre este fenômeno:

Todo ato de enunciação é fundamentalmente assimétrico: a pessoa que interpreta o enunciado reconstrói seu sentido a partir de indicações presentes no enunciado produzido, mas nada garante que o que ela reconstrói coincida com as representações do enunciador” (Maingueneau, 2013, p.22).

Associada à audiodescrição, essa formulação permite entender que o sentido não está dado pela emissão do texto audiodescrito, mas é reconstruído pelo ouvinte a partir do seu repertório e de sua experiência de mundo. O audiodescritor, neste processo, atua como mediador, consciente de que seu enunciado não é fechado, nem definitivo, mas aberto às múltiplas interpretações de quem o recebe.

Maingueneau (2013) também enfatiza que compreender um enunciado é mobilizar saberes muito diversos e construir um contexto que não é um dado preestabelecido. O autor afirma que “a própria ideia de um enunciado que possua um sentido fixo, fora do contexto, é insustentável” (Maingueneau, 2013, p. 22). Essa perspectiva é essencial para se pensar a audiodescrição como fenômeno comunicacional de mediação em que adquire sentido no contexto em que é produzida e no modo como é percebida pela pessoa com deficiência visual.

Além disso, Maingueneau (2013) destaca que “falar é uma forma de ação sobre o outro e não apenas uma representação do mundo” (Maingueneau, 2013, p. 59). A audiodescrição pode ser vista, então, como um ato de linguagem que contextualiza e provoca o destinatário com a ampliação de sua experiência discursiva. Essa dimensão é reforçada quando Maingueneau (2013) afirma que:

Não diremos que o discurso intervém em um contexto, como se o contexto fosse somente uma moldura, um cenário; na realidade não existe discurso senão contextualizado; o mesmo enunciado em dois lugares distintos corresponde a dois discursos distintos. (Maingueneau, 2013, p. 61).

Assim, a audiodescrição de um espetáculo teatral, de uma obra de arte ou de um festival de música produz um discurso diferente de uma audiodescrição realizada em uma sala de aula ou a respeito de um filme. O sentido nasce da situação comunicativa e dos sujeitos envolvidos, por isso o audiodescritor deve ajustar sua prática à cena audiodescrita. É neste ponto que se inserem categorias propostas por Maingueneau (2013), que serão importantes para a

análise da audiodescrição como mediação, a exemplo da “cenografia” e do “ethos”.

A cenografia diz respeito à cena em que o audiodescritor organiza sua fala para incluir a pessoa com deficiência visual como coenunciadora. “Todo discurso, por sua manifestação mesma, pretende convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima” (Maingueneau, 2013, p. 97). Como lembra o autor, “a cenografia é ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra” (Maingueneau, 2013, p. 98).

Isso significa que o audiodescritor constrói um cenário de interação, no qual legitima sua fala e reconhece o destinatário como parte da cena e não apenas traduz imagens em palavras. Na audiodescrição, a cenografia pode ser pensada como a forma pela qual o audiodescritor organiza a fala, o ritmo, o tom e o vocabulário, de modo a criar uma situação discursiva que permita a imersão do ouvinte.

Por exemplo, em uma audiodescrição de um espetáculo teatral, a cena de enunciação inclui o som ambiente, as pausas entre as falas e a intenção de tornar o ouvinte presente na cena. Já em uma audiodescrição de um filme, o tempo de inserção da audiodescrição, a escolha lexical e a adequação à narrativa cinematográfica configuram uma outra cenografia diferente.

A categoria do “ethos” como explica o autor está vinculada ao enunciador. (Maingueneau, 2013, p. 107). No processo de realização da audiodescrição, podemos deduzir que o ethos é assumido pelo profissional audiodescritor. Este constrói uma imagem de si por meio de escolhas linguísticas, do tom de voz e do posicionamento discursivo. O ethos pode ser percebido como empático, neutro, sensível ou autoritário e influencia diretamente a forma como a pessoa com deficiência visual percebe a imagem e constrói sentido.

O ethos empático, por exemplo, manifesta-se quando o audiodescritor demonstra cuidado com o ritmo da fala e com a escolha de palavras que respeitam a autonomia interpretativa do ouvinte. Já o ethos técnico busca objetividade e precisão e recorre a descrições neutras e impessoais. Cada ethos implica um modo de relação ética com o destinatário e revela que a audiodescrição é também um ato de posicionamento discursivo, onde se negocia o equilíbrio entre a objetividade da imagem e a subjetividade da pessoa com deficiência visual.

Maingueneau (2008, p. 47) propõe também o conceito de competência discursiva, compreendida como “o conhecimento tácito que permite reconhecer enunciados como pertencentes a uma mesma formação discursiva e produzir novos enunciados bem formados” (Maingueneau, 2008, p. 54). Essa ideia, quando se aplica à audiodescrição entende que o audiodescritor mobiliza uma competência discursiva que integra aspectos linguísticos, culturais e sensoriais.

O autor cita os exemplos de “o pintor ou o arquiteto, que compartilham um mesmo sistema de competências semânticas” (Maingueneau, 2008, p. 140). Podemos dizer, assim, que o audiodescritor participa de uma formação discursiva, na qual os códigos visuais e sonoros e textuais se entrelaçam. Sua competência é ampliada para além da verbal, pois envolve reconhecer elementos visuais como gestos, cores e cheiros, de modo que a pessoa com deficiência visual possa reconstruir mentalmente o espaço, a atmosfera e a ação da cena.

Nesse sentido, a audiodescrição é um exemplo concreto de uma atividade discursiva que atravessa diferentes sistemas de significação em que o texto, o som e a imagem ancoram-se em uma competência discursiva para a produção de sentidos. Assim, o acesso à imagem, portanto, vai além da tradução técnica, onde o sentido é reorganizado conforme os posicionamentos nos discursos e a relação mediadora entre o audiodescritor e a pessoa com deficiência visual.

O audiodescritor, ao construir seu texto, ocupa um espaço que é, ao mesmo tempo técnico, ético e discursivo. Sua voz organiza o discurso, mas o sentido não pertence exclusivamente a ele. O enunciado da audiodescrição é aberto e poderá ser reconstruído pela escuta ativa da pessoa com deficiência visual, que mobiliza sua própria experiência de mundo para ressignificar aquilo que escuta.

Isso se aplica plenamente à audiodescrição, em que podemos observar que o receptor não busca uma substituição da visão física, mas uma experiência sensorial e cognitiva singular, construída pela linguagem, como destaca o autor, quando afirma que “compreender um enunciado não é reproduzir o pensamento do enunciador, mas produzir, a partir de pistas, uma interpretação possível” (Maingueneau 2008, p. 25).

Maingueneau (2008) também estabeleceu a categoria de “interdiscurso”. O autor destaca que “todo discurso se inscreve em uma rede de outros

discursos, com os quais mantém relações de afinidade, oposição ou filiação”. (Maingueneau, 2008, p. 114). Pode-se, então, afirmar que a audiodescrição participa de uma rede interdiscursiva, pois dialoga com discursos da arte, do cinema e com a comunicação cotidiana.

Quando o audiodescritor descreve uma pintura, por exemplo, ele mobiliza um interdiscurso artístico, técnico e histórico. Ao descrever uma cena urbana em um filme, recorre a repertórios culturais e sociais. Podemos considerar, com isso, que a audiodescrição é uma atividade interdiscursiva, na qual o sentido nasce do cruzamento de discursos preexistentes.

Além disso, o autor ressalta que “nenhum discurso é originário: ele se constitui na fronteira de outros discursos” (Maingueneau 2008, p. 114). Essa afirmação reforça a ideia de que o texto audiodescritivo é um interdiscurso, construído entre vozes visuais, sonoras e narrativas atravessadas pela subjetividade do sujeito com deficiência visual.

Para endossar seu pensamento, Maingueneau (2008) propõe o conceito de “contrato de comunicação”, que define o modo como se organiza a relação entre os interlocutores. O contrato é o que possibilita a inteligibilidade da enunciação e garante que o discurso seja reconhecido como legítimo ou ilegítimo dentro de um contexto social.

Na audiodescrição, esse contrato envolve um acordo tácito em que o audiodescritor assume o papel de mediador que facilita o acesso à experiência sensorial e o ouvinte que, por sua vez, aceita ou não a mediação como forma de participar do acontecimento comunicacional. Essa dimensão contratual possibilita que a audiodescrição tenha um caráter de mediação discursiva, pois o sentido é reconstruído na interação entre sujeitos e contextos.

Segundo o autor “analisar um discurso é compreender o modo como ele se autoriza, como se inscreve em um espaço de legitimidade” (Maingueneau, 2008, p. 145). Assim, compreender a audiodescrição como mediação discursiva implica reconhecer que ela se legitima quando produz um discurso acessível, inclusivo e sensorialmente compartilhado.

Outra categoria importante introduzida por Maingueneau (2008) é a noção de “paratopia” para designar o “lugar paradoxal ocupado pelo sujeito discursivo, simultaneamente dentro e fora do campo em que atua”. (Maingueneau, (2008, p. 112). Situado dentro desse conceito, o audiodescritor ocuparia uma posição

de paratopia, pois tradicionalmente pertenceria ao universo da tradução, mas busca, no campo da Comunicação, distanciar-se e assumir uma função de mediador.

Essa paratopia, podemos pensar, confere à audiodescrição um caráter inovador, quando ela não se submete integralmente à transformação do visual ao verbal como tradução. O audiodescritor, como sujeito paratópico, transita entre linguagens e mundos sensoriais e legitima seu discurso a partir desse deslocamento do espaço da tradução para o de mediação.

Maingueneau (2008, p. 157) enfatiza que o discurso deve ser entendido “como prática social que organiza representações, valores e modos de pertencimento”. (2008, p. 157). Nessa perspectiva, a audiodescrição é um dispositivo comunicacional que amplia o repertório sensorial da experiência humana e contribui para que a pessoa com deficiência visual participe do espaço de produção de sentidos.

Maingueneau (2008) propõe compreender o discurso como um ato fundador, um movimento pelo qual certos modos de dizer se instituem e passam a ser reconhecidos socialmente como legítimos. O autor trata o discurso como uma prática social e simbólica que cria seu próprio espaço de enunciação.

Nesse sentido, a audiodescrição deve ser entendida como um gênero discursivo contemporâneo, que inaugura um novo modo de relação entre linguagem, imagem e percepção, que se institui como campo próprio dentro da Comunicação. Maingueneau (2008, p. 127) afirma que o discurso é também uma “encarnação”, pois a linguagem está sempre sustentada por um corpo e por uma voz.

Esse princípio é fundamental para se compreender a audiodescrição como mediação, porque ocorre, além do no plano semântico, também no plano sensorial, no ritmo da fala, na respiração e na entonação que guia a percepção auditiva da imagem. Segundo Maingueneau (2008), pode-se afirmar que “a análise do discurso deve apreender o processo pelo qual um dizer funda sua própria legitimidade”. (Maingueneau, 2008, p. 135).

Assim, ao investigar a audiodescrição como mediação discursiva, estudamos também como o dizer acessível se legitima como prática comunicacional, capaz de ampliar o campo da experiência estética e o direito à

percepção da pessoa com deficiência visual. A audiodescrição, portanto, vai além da tradução e configura-se como uma mediação discursiva.

2.4 Comunicação sensorial: a escuta do mundo com outros sentidos

A Comunicação, enquanto campo de produção simbólica e experiências compartilhadas, tem sido atravessada por discussões que desafiam a centralidade da visão como sendo o sentido privilegiado para o acesso à imagem. Novas abordagens, como a de Castro (2018), deslocam o olhar do visual para o corpo e do ver para o sentir.

Se para Maingueneau (2008), toda enunciação é um ato social constituído na relação entre sujeitos, Castro (2018) reforça este entendimento ao ressaltar que a Comunicação mobiliza também dimensões sensoriais. Especialmente para as pessoas cegas ou com baixa visão, a sensorialidade toma uma dimensão central para suas interações sociais e para a produção de sentido. Podemos observar isso quando a autora afirma:

Observamos que essa comunicação intersensorial pode ser compreendida como uma construção pessoal/social que é sentida e construída pelo corpo, que tem como resultado – parcial, jamais total, e sempre em transformação – os processos cognitivos produzidos pelo conhecimento provocado e promovido pelo corpo; assim como está na sutileza dos movimentos corporais, no movimento/entonação da voz, nas percepções construídas pelos sentidos. (Castro, 2018, p. 30).

Ao refletir sobre os processos comunicacionais, Castro (2018) propõe compreender a Comunicação a partir da corporeidade e da sensorialidade como lugares de mediação. Dessa forma, os corpos e os sentidos são lugares de recepção e de experiências nos quais se constroem significados. A Comunicação, para a pesquisadora, emerge como experiência intersubjetiva e sensorial, onde a percepção assume importância comunicativa.

A interpretação de Castro (2018) permite ampliar o horizonte de análise sobre a audiodescrição, pois evidencia que a mediação ocorre na forma como os sujeitos sentem e se relacionam com o mundo. A audiodescrição, ao mediar sentidos, desperta sensações, evoca memórias e convoca os repertórios sensoriais da pessoa com deficiência visual.

Ao pensar a feira do Guamá, em Belém do Pará, como espaço de interação social, Castro (2018) revela que os gestos, as vozes e os cheiros produzem sentidos que escapam à lógica verbal e visual tradicional e dá destaque para “o gosto como uma sensibilidade que se coloca em evidência, se deixa ver, se mostra e dialoga com o mundo” (Castro, 2018, p. 258). Essa concepção reforça o entendimento de Comunicação como um fenômeno que ultrapassa o suporte tradicional e se manifesta na materialidade sensível das interações humanas.

Desse modo, a autora propõe o conceito de comunicação sensorial, em que o corpo é mediador de significações comunicacionais. A feira torna-se metáfora de um espaço comunicacional em que as trocas se dão por vibrações, aromas e ritmos, onde o sensorial torna-se político e o cotidiano assume-se estético.

Esse entendimento dialoga com a audiodescrição enquanto dispositivo mediador. Se na feira, o gosto organiza o sentir e traduz a experiência social, na audiodescrição, o som e a palavra ressignificam a imagem para quem não a vê. O audiodescritor, assim como o feirante de Castro (2018) é mediador de mundos sensoriais, ambos se comunicam por meio do corpo e da escuta e ampliam a percepção sobre as imagens que os rodeiam.

A comunicação sensorial, conforme Castro (2018), opera pela corporeidade compartilhada e pela vibração do ambiente. Nessa perspectiva, o sujeito da Comunicação não é apenas emissor ou receptor, mas um corpo que sente e é atravessado por outros corpos e presenças. Essa ideia do sentir reforça o papel da audiodescrição como mediação intersensorial, pois ela medeia o visível e possibilita que a pessoa cega ou com baixa visão acesse a experiência em sua dimensão simbólica.

A feira, para Castro (2018), é um território de vozes, sons, cheiros e sabores que se entrelaçam em um fluxo contínuo de afetos. Nesse espaço, a Comunicação constrói-se como vivência sensorial, individual e coletiva. Essa concepção abre caminho para pensar a audiodescrição como campo interacional, onde a estética sensorial é produzida na experiência do corpo e na interação entre os sujeitos, conforme percebemos nos escritos da autora:

A sociedade é um processo formado por formas sociais que geram-se e reverberam-se como o resultado contínuo das

interações sociais. Essas formas de interação – as formas sociais ou sociação (o processo propriamente) – incluem padrões de comportamento, trocas de reciprocidade, poder, e até os conflitos que moldam as relações sociais. (Castro, 2018, p. 30).

Ao analisar os modos de comunicação no mercado do Guamá, Castro demonstra que “as sensibilidades engendram maneiras de se estar junto e, conseqüentemente, reciprocidades, conformando assim formas sociais.” (Castro, 2018, p. 51). Essa proposição desloca a comunicação de uma lógica meramente informativa para uma lógica da sensibilidade, em que os sujeitos se constituem na relação com o ambiente e com os outros.

Nessa perspectiva, a audiodescrição se inscreve como uma prática de mediação sensível, que medeia o visível em narrativa sonora e reconfigura o modo como o corpo com deficiência visual percebe e interpreta o mundo. A palavra dita é carregada de intenção, torna-se extensão dos sentidos e cria outras possibilidades de sentir e imaginar.

A audiodescrição, assim, além de comunicar o conteúdo visual, ela recria a experiência pela esfera sonora. O som, neste contexto, é um campo de presença e afeto. A pessoa com deficiência visual, ao ouvir a audiodescrição de uma cena, além de receber uma informação, participa de um ato comunicacional, em que o sentir é mediado pela palavra.

Essa mediação se aproxima daquilo que Castro (2018) identifica como estética do cotidiano, ao investigar o gosto, na qual o sensível emerge das interações corriqueiras, dos cheiros, das texturas e dos sons que habitam a vida diária. A audiodescrição é, portanto, neste sentido, um gesto de sensibilidade, uma forma de reestabelecer o contato entre corpo e mundo, entre o ver e o ouvir e entre o imaginar e o perceber.

A partir das reflexões de Castro (2018), é possível compreender que a Comunicação sensorial constitui-se como um modo de conhecer o mundo por meio do corpo e do afeto. Sob essa ótica, a audiodescrição pode ser compreendida como um dispositivo comunicacional de mediação que relaciona a pessoa com deficiência visual ao espaço do sensível.

Como destaca Castro (2018), “a extensão entre corpo e mundo constitui a intencionalidade do ato de sentir o mundo”. (Castro, 2018, p. 128). Essa ideia

sustenta a concepção de audiodescrição como prática comunicacional sensorial, na qual a palavra, o som e o silêncio se tornam extensões do corpo que sente.

Podemos dizer, assim, que a audiodescrição direciona para a atenção do que é sensível, para o exercício de perceber o que está oculto no visível, para o imaginar daquilo que não se vê. Esse direcionamento se alinha ao que Castro (2018) denomina “formas sociais do gosto”, conceito que expressa a articulação entre sensorialidade, cultura e sociabilidade.

Na feira, local de pesquisa da autora, o gosto é o eixo que organiza a experiência coletiva, é o modo como os sujeitos tocam, cheiram, provam e se comunicam. Dessa forma, na audiodescrição, a produção de sentidos também emerge do saborear o som da voz e o ritmo da fala. A escuta de cada palavra pela pessoa cega ou com baixa visão é “degustada” pelos sentidos. Como afirma a autora “A feira é um espaço de troca, espaço de interações e pode ser pensada como uma forma viva e pulsante” (Castro, 2018, p. 14).

Ao pensar a audiodescrição a partir de Castro (2018), é possível compreendê-la, não apenas como um recurso técnico, mas uma experiência política do sentir. A audiodescrição, nesse horizonte, é um espaço de convivência entre mundos sensoriais e torna-se um campo de intersubjetividade onde a percepção é compartilhada, o corpo é reconhecido e o afeto é valorizado.

Assim, a audiodescrição se mostra como expressão daquilo que Castro (2018) coloca em sua etnografia como uma comunicação que nasce do corpo e retorna a ele, com a transformação do sentir em linguagem e do cotidiano em experiência estética. Compreendemos, assim, que a pessoa com deficiência visual não está à margem do campo do sensível, ao contrário, é protagonista de um modo de ver que escuta, de um modo de sentir que comunica e de um modo de existir que ressignifica o mundo.

Castro (2018) estabelece como preocupação em suas investigações a construção social do gosto como experiência sensorial no espaço de uma feira. Ao dar ênfase à corporeidade, a autora coloca os sentidos no centro da Comunicação e desloca o foco do gosto gramatical para o gosto semântico, enquanto experiência concreta do sensível,

Tomando essa estrutura conceitual, é possível articulá-la como a audiodescrição no sentido de que tem o desafio de tornar acessíveis, por meio da voz, do som e da narração elementos que normalmente são mais perceptíveis

visualmente. Mas, seguindo o olhar de Castro (2018), não basta traduzir o visual para verbal, é necessário mobilizar os sentidos, ativar sensações, construir imagens mentais sensíveis e engajar o corpo do ouvinte.

Neste sentido, a audiodescrição funciona como ponte entre a situação comunicacional e o corpo da pessoa cega ou com baixa visão e a convida a escutar o mundo com outros sentidos. Castro (2018), ao tratar os sentidos como socialmente mediados e como parte constitutiva das formas sociais, pode-se afirmar, a partir dessa compreensão, que a audiodescrição participa de uma forma social de mediação sensorial.

Na audiodescrição, o corpo do ouvinte elabora imagens a partir da voz, do som, dos cheiros, das texturas e do tocar. A mediação sensorial torna-se essencial para o envolvimento corpóreo da pessoa com deficiência visual, embora a imagem não esteja visível para ela.

Para uma pessoa cega ou com baixa visão, o “gostar” de uma obra ou de uma cena pode estar mediado pela ativação do sensível. O ouvinte com deficiência visual “gosta” porque participa da sensorialidade da cena por meio da audiodescrição. A audiodescrição, assim, revela-se como espaço de construção de sentido, de experiência corpórea, de socialidade intersubjetiva e de gosto compartilhado. Como Castro (2018) destaca, os sentidos e o gosto são produzidos contextualmente pela experiência social sensível:

O gosto sobre o qual falamos não é o gosto substantivo ou qualitativo; ou seja, não é o gosto como uma substância aderente a alguma coisa, e nem o gosto como a qualidade intrínseca de alguma coisa. Nem uma propriedade do objeto e nem um privilégio do sujeito. Falamos do gosto como verbo: como a ação social, intersubjetiva, de partilhar uma disposição sensível. (Castro, 2018, p. 125).

Em consonância com esta pesquisadora, podemos argumentar que a audiodescrição cria uma forma social específica de mediação sensorial, na qual corpos que ouvem, tocam, imaginam e reagem participam de interações sensoriais para a busca de sentidos. Ao adotar esse enfoque, a audiodescrição participa de um encontro intersubjetivo e passa a ser também uma socialização.

O gosto, para Castro (2018), “é aquilo que é conformado e consubstanciado nos processos cognitivos de cada indivíduo como resultado das interações que vivencia. (Castro, 2018, p. 257). A audiodescrição, ao ativar

sensações, imagens mentais e sensoriais, permite que a pessoa com deficiência visual desenvolva um gosto, não simplesmente “gostar porque entendeu”, mas “gostar porque sentiu”. Essa dimensão sensível do gosto amplia a função da audiodescrição como mediação da experiência para a produção de sentido pelo gostar como interação social.

Ao escutar o mundo com outros sentidos, a pessoa com deficiência visual, por meio da audiodescrição, integra-se em uma comunicação sensível e desenvolve um gosto sensorial partilhado que constrói sua própria forma social de mediação. Neste processo, a audiodescrição não apenas informa, mas convida a sentir, a imaginar e a gostar.

Para quem não tem visão física, a ênfase na corporeidade obriga à reconstrução da comunicação para outros sentidos, com ênfases sensoriais como os timbres, os ritmos da fala, a vibração dos passos, a temperatura, as texturas, os cheiros. A teoria de Castro (2018) abre espaço para pensar a audiodescrição como uma malha sensorial onde cada aspectos participa da intersubjetividade.

Castro (2018) evoca a “carne do mundo” de Merleau-Ponty, para estabelecer a trama sensorial que liga corpo e mundo. A audiodescrição funciona como um recurso de ativação dessa trama quando a visão física não está disponível. Por meios das escolhas lexicais, entonação, pausas, informações táteis e alusões olfativas ou auditivas, a audiodescrição produz uma atmosfera sensorial.

Assim, a audiodescrição é compreendida como um fenômeno corpóreo e sensorial, que se manifesta nas relações sociais cotidianas. No contexto das pessoas com deficiência visual o “estar no mundo”, ganha singularidade que somente é possível por meio de uma comunicação sensorial. Quando Castro (2018) entende que o corpo é o lugar onde a comunicação acontece, para a pessoa cega ou com baixa visão, o corpo também alcança essa condição de território comunicativo, como podemos perceber na fala da pesquisadora:

Vivemos carregados pelas coisas do mundo que nos cercam. E esse sentido, que nos prover da percepção que fazemos e temos do mundo, promove nossa sociação com o mundo em nosso entorno muito antes de podermos refletir ou pensar sobre o mundo. É o tato o primeiro sentido que nos joga no “mundo da vida” (Castro, 2018, p. 247).

Essa ideia é essencial para pensarmos a audiodescrição como mediação sensorial. Se os sentidos são construções culturais, então o ato de audiodescrever uma imagem para quem não a vê é também um ato de reconstruir culturalmente uma forma de ver. No universo da pessoa com deficiência visual, a comunicação sensorial proposta por Castro (2018) pode ser entendida como um modo de produzir presença.

Ao reconhecer que o corpo é o mediador da percepção, sua teoria oferece uma base epistemológica para compreender a comunicação da pessoa cega ou com baixa como deslocamento do foco da ausência, daquilo que falta para a presença de sentidos. Castro (2018) afirma que é a “sensorialidade é a condição do conhecimento, e o corpo é seu lugar de inscrição. É pelo corpo que o mundo é percebido e significado” (Castro, 2018, p. 127). Esse pensamento é reforçado no trecho:

Por meio do seu corpo, o homem experimenta o mundo. Mas o faz de forma paradoxal, porque esse experimentar o mundo se dá como um duplo movimento: não apenas o de encontrar e sentir o mundo por meio dos sentidos, mas, também, de projetar esse encontro por meio de figurações intencionais. Esse paradoxo decorre do fato de que o corpo que encontra o mundo, por meio dos sentidos, tem uma atitude reflexiva diante do próprio fato de encontrar o mundo (Castro, 2018, p. 127).

Portanto, o corpo da pessoa com deficiência visual é também um corpo produtor de sentido, capaz de comunicar, interpretar e traduzir o mundo. A comunicação sensorial, neste contexto, deixa de ser apenas um conceito analítico e torna-se uma prática emancipatória, pois reconhece a diversidade das percepções como parte legítima da experiência comunicacional humana.

Sendo assim, a Comunicação proposta por Castro (2018) é antes de tudo uma experiência da presença. Sua etnografia revela que os sujeitos se comunicam por meio de uma teia sensorial de interações que entrelaçam o corpo, o afeto e o espaço. Na esfera da deficiência visual, essa formulação adquire uma densidade pertinente, no sentido de que para a pessoa cega ou com baixa visão, o corpo sem visão física é um território de mediação plurisensorial.

O tato, a audição e o olfato não são substitutos da visão, mas instrumentos plenos da experiência sensorial. Isso fica claro nos estudos de Castro (2018):

“O gosto é uma forma de expressão que evoca a capacidade de entendimento sensível do entorno, da experiência, é a capacidade de resposta do indivíduo a essas vivências e experiências que o indivíduo dar-se a si e ao mundo no seu processo interativo”. (Castro, 2018, p. 49).

Se, na feira estudada por Castro (2018), a interação entre feirantes e fregueses se dá em uma sintonia de sons, gestos e cheiros, na vida cotidiana da pessoa com deficiência visual, o mundo também é percebido por meio de uma sinestesia contínua. O som das vozes, o eco dos passos, o cheiro dos ambientes, a textura dos objetos, tudo isso compõe um mosaico de sentidos que constroem a realidade. Castro (2018) enfatiza que “os sentidos proporcionam o nosso perceber, o nosso sentir e como precisamos reduzir em palavras aquilo que sentimos e vivemos para que possamos muitas vezes, mas não sempre, partilhar com o outro”. (Castro, 2018, p. 254).

Essa ideia é inovadora quando aplicada à experiência das pessoas cegas ou com baixa visão. Ela rompe com o paradigma médico que associa deficiência à falta e permite um olhar comunicacional e cultural para a deficiência, não como ausência de um sentido, mas como forma de organização sensorial da vida “pois é na interação que as socialidades se geram e potencializam-se, ou seja, são nas sociações de qualquer espécie que é possível ocorrer a reciprocidade, pois é na sociação que ocorre a troca”. (Castro, 2018, pg.129).

Essa compreensão leva a situar a audiodescrição como uma experiência de intercorporeidade. Quando o audiodescritor descreve uma imagem, ele não apenas informa o que está vendo, mas também compartilha sua forma de sentir o mundo. A pessoa com deficiência visual, ao escutar essa audiodescrição, reconstrói a imagem dentro de seu próprio corpo sensorial. Assim, o que se estabelece é um diálogo de percepções, em que os sentidos diversos se tornam elos entre corpos.

Essa proposição significa que cada pessoa constrói o mundo de acordo com os sentidos que mobiliza e com os repertórios simbólicos que compartilha. Logo, a audiodescrição é um processo de coautoria sensorial entre quem audiodescreve e quem escuta. Ao entender a sensorialidade como campo comunicativo, Castro (2018) instiga a pensar a audiodescrição como ato de convivência sensível.

Para Castro (2018) a sensorialidade é sempre coletiva, porque o sentir é aprendido, compartilhado e vivido nas relações sociais. Essa formulação rompe com a ideia individualista da percepção e insere o sentir no campo da cultura. No campo da audiodescrição, podemos entender que a percepção da pessoa com deficiência visual é coletivamente construída em cenários que o audiodescritor e o ouvinte compartilham em uma experiência estética e corporal comuns.

A mediação sensorial, portanto, torna-se uma prática de cocriar mundos. A palavra do audiodescritor não substitui a imagem, mas propõe outra forma de presença dela no mundo. A audiodescrição abre caminho para que outros modos de percepção possam emergir e a experiência, neste caso, desloca o olhar para o corpo que escuta e passa a ver com o ouvido, a tocar com a voz e a imaginar com o som.

Quando Castro (2018) afirma que “os sentidos são atravessados por relações de poder, pois definem quem pode sentir, o que pode ser sentido e de que maneira o sentir é reconhecido” (Castro, 2018, p. 75), ela aponta para a dimensão da regulação do sensível. Em uma sociedade hegemonicamente visual, a experiência do olhar é privilegiada e os outros sentidos são frequentemente desvalorizados.

A audiodescrição pode contestar e desafiar essa exclusividade sensorial ao legitimar o ouvir e o imaginar como modos legítimos de experiência sensível. Ao desestabilizar essa hierarquia do visível, ela politiza a sensorialidade e permite que pessoas cegas ou com baixa visão tenham acesso não somente à informação, mas à emoção, à beleza e à experiência do gosto social. Dessa forma, a audiodescrição torna-se um ato de inclusão sensorial e comunicacional.

Castro (2018) escreve que “o sentir é também uma forma de conhecimento; o afeto e o gesto são caminhos de produção de saberes por meio do gosto o indivíduo coloca-se no mundo, interage e, partilhando percepções, apresenta-se, dá-se a ver, a sentir e a existir” (Castro, 2018, p. 257). Essa proposição pode ser associada com a maneira como a audiodescrição é realizada. Cada audiodescrição é uma experiência cognitiva e afetiva, na qual a sensibilidade é uma forma viável para o conhecimento.

No contexto da deficiência visual, essa percepção sensorial assume um papel emancipatório. A audiodescrição situada na esfera da comunicação

sensorial proposta por Castro (2018) possibilita reconhecer o corpo cego como sujeito ativo do sentir e não como corpo que carece de visão. O som, a textura da voz e o ritmo da narrativa tornam-se ferramentas para compor imagens mentais e reorganizar o campo perceptivo da experiência sensorial.

Assim, o processo comunicacional da audiodescrição é também um processo de intersubjetividade, no qual os sentidos se entrelaçam e cocriam imagens mentais partilhadas. Desse modo, a contribuição da pesquisadora permite compreender a audiodescrição como um fenômeno que transcende a função técnica de acessibilidade para se afirmar como experiência de mediação sensorial e comunicacional. Ao integrar palavra, corpo e percepção, a audiodescrição participa de um encontro de intersubjetividades mediadas, onde são produzidos sentidos pelas pessoas com deficiência visual.

2.5 O falatório e a audiodescrição como mediação do estar-no-mundo

Outra contribuição relevante para o entendimento da audiodescrição como mediação foi construída por Castro; Castro (2019), ao elaborarem o conceito de “falatório” como uma categoria de interpretação da Comunicação cotidiana enquanto condição existencial. O falatório foi criado a partir da formulação heideggeriana do *Gerede*, entendido como “o falar banal, repetição, interação” (Castro; Castro, 2019, p. 4). Assim os autores descrevem esta categoria de análise do falatório:

Um fenômeno de ser-em-comum, de estar com os outros, um fenômeno com proximidade com o comportamento de massa e que caracteriza o modo inautêntico de estar no mundo, o modo de vivenciar, intersubjetivamente, um mundo dogmatizado pela técnica. Porém, a partir de uma percepção empírica e de sua objetivação como fenômeno presente na vida real, observável, portanto, o falatório é um modo interacional e um conjunto de práticas. (Castro; Castro, 2019, p. 11).

Esse falar banal, o falatório, surge no contexto da interação da pessoa com deficiência visual e seu cotidiano, quando se encontra imersa no “estar no mundo inautêntico” (Castro; Castro, 2019, p.12), para o qual os autores recorrem ao termo “Dasein”, que Heidegger associa à inautenticidade e que os autores sintetizam como “a condição reflexiva de um indivíduo incerto de sua condição de sujeito, de ser humano, de pessoa” etc. (Castro; Castro, 2019, p. 5).

Ao procurar se situar em um ambiente, a pessoa cega ou com baixa visão adentra ao falatório e encontra-se no modo inautêntico de estar no mundo. A audiodescrição, como mediação para a produção de sentidos, organiza a traz para o falatório à condição de intencionalidade e afasta a pessoa com deficiência visual da condição do *Dasein* heideggeriano, como modo inautêntico de estar no mundo.

O falatório resultou de uma etnografia na feira do Guamá, em Belém. Os autores explicitam que se trata de uma experiência sensorial que buscou compreender o modo de estar de sujeitos envolvidos no seu ambiente cotidiano por meio de sensorialidades e intersubjetividades comunicacionais.

Para os estudos da audiodescrição na área da Comunicação, este falatório torna-se importante porque representa significativamente o estar no mundo de uma pessoa com deficiência visual. Não que o falatório seja um lugar de interações sociais não importantes. Podemos dizer que é por meio do falatório que a pessoa com deficiência visual adentra ao mundo e estabelece uma forma de pertencimento.

No entanto, a audiodescrição, ao organizar e tornar intencionais as percepções que emergem do falatório, permite uma passagem do simples estar no mundo para o compreender e participar ativamente dele. Assim, o falatório, quando atravessado pela mediação da audiodescrição, deixa de ser apenas ruído cotidiano e se transforma em experiência comunicacional plena, que possibilitando à pessoa cega ou com baixa visão, uma presença autêntica e sensível no espaço social.

2.6 Quando a cor é sentida

Outra abordagem que contribui significativamente para a compreensão da audiodescrição como mediação é Mayer (2016). Suas investigações se inserem em uma linha teórica que questiona os limites da visão física como parâmetro central da experiência cognitiva e coloca foco nas formas plurissensoriais de apreensão e significação do mundo por meio da Linguística Cognitiva.

A autora se propõe a compreender como pessoas cegas de nascença constroem cognitivamente e linguisticamente o conceito de “cor”, uma categoria

convencionalmente associada à experiência visual óptica. Sua proposta desloca o olhar da ausência de visão para a presença de outras formas de percepção e de significação, que não substituem a visão ocular, mas agem como capacidade criativa de o ser humano de construir significados a partir de plurisentidos, como afirma a pesquisadora:

O diferencial da cegueira não se configura, pois, como uma ausência em si, mas pelo fato de estes indivíduos (como membros da espécie humana) serem capazes de se auto-organizar criativamente, por necessidade de, para uma experiência com o mundo que é diferente da de quem enxerga, mas que não é exclusiva a este grupo (Mayer, 2016, p.95).

A autora propõe um olhar inovador sobre o modo como as pessoas com deficiência visual constroem representações simbólicas e conceituais. Suas pesquisas dialogam com perspectivas fenomenológicas e discursivas que compreendem a linguagem como meio de mediação entre o sensível e o simbólico e o corpo como lugar de produção de sentido, como afirma Mayer (2016):

Pessoas com cegueira congênita qualificam e significam vivências que não podem experienciar ocularmente a partir de uma “sensação de consciência” sobre cor, que é construída em termos de cenários mentais, tendo em vista nossa capacidade para visão interior. (Mayer, 2016, p.115).

Muito emblemático nos estudos de (Mayer 2016), é a compreensão de que o “ver” tem uma dimensão que extrapola o sentido físico da visão e chama a atenção para a visão interior a partir da capacidade de auto-organização do ser humano, como afirma a pesquisadora: “A visão interior, constitutiva da nossa espécie, seria como um dos órgãos da mente e sob este ponto de vista, a pessoa com cegueira congênita vê como os videntes veem: com a mente”. (Mayer, 2016, p. 162). Esse pensamento é reforçado quando a autora reflete:

Ao discutirmos a definição sobre o ver aqui adotada, aponte para a universalidade da nossa capacidade de auto-organização, em que ver é enquadrado na perspectiva da visão interior (BRANDT, 2004), emergindo enquanto um pensamento imagístico (cenário mental) a partir da articulação de relações corporais (sensoriais) e construções conceituais (súgnicas) do indivíduo em seu nicho bio-sócio-histórico-cultural. (Mayer, 2016, p.103).

Mayer (2016) enfatiza que as cores, para pessoas cegas, são aprendidas no convívio e na escuta e que se aprende a nomeá-la, ao se escutar falar sobre elas. Essa aprendizagem constitui-se como o pilar sobre o qual se estrutura a audiodescrição por meio da mediação da palavra escutada. Assim, a audiodescrição constitui uma forma de aprendizado perceptivo e cultural.

Na perspectiva de Mayer (2016), a linguagem das cores referencia o mundo e o constitui simbolicamente. Essa afirmação oferece um ponto de interseção com a audiodescrição como mediação comunicacional, uma vez que esta, também transforma o que não é visto em enunciável. A audiodescrição, assim como a referência linguística de Mayer (2016) cria realidades discursivas que tornam o ver resultado da linguagem.

Segundo Mayer (2016), pessoas cegas falam das cores não porque as veem, mas porque vivem em um mundo onde as cores têm sentido social. Isso sintetiza a ideia de que a cor é um fenômeno culturalmente compartilhado e não apenas uma percepção fisiológica.

A cor existe no discurso, na convivência e na escuta. A partir dessa constatação e dos estudos de Mayer (2016), é possível compreender que a audiodescrição ultrapassa a função técnica de traduzir imagens em palavras ao mediar cores, mesmo que o ouvinte não possa vê-las.. Percebemos isso mediante a formulação desta pesquisadora sobre cor:

Parto, pois, desta proposição para apresentar uma definição de cores que se estrutura a partir de três fatores, não hierárquicos, e que se influenciam mutuamente enquanto emergência de uma construção criativa, a cor é uma sensação de consciência, a qual estruturamos em uma cadeia sónica, e que se relaciona a valores socioculturais compartilhados. O primeiro fator refere-se à nossa interação com o mundo, na qual a cor constitui-se como um fenômeno da cognição (sensação). Pelo segundo, entende-se a cor como construção simbólica do sujeito, que estrutura-se a partir de um elaborado processo de construção criativo, que nos possibilita uma interpretação e que, entre outras coisas, desencadeia uma sensação. O terceiro fator é o que abarca a cor como repertório simbólico compartilhado — de caráter conceitual e dinâmico, este fator diz do nosso processo “auto-organizativo” de (res)significar nossas experiências e atuar no ambiente. (Mayer, 2016, p.103).

Essa proposição desloca a noção de percepção do domínio estritamente visual para o campo da corporeidade. A cor, nesse sentido, é sentida, tocada,

ouvida e imaginada. Essa visão fenomenológica da percepção se aproxima das teorias contemporâneas da comunicação sensorial, que reconhecem a importância do corpo e dos afetos na produção de sentido. A audiodescrição atua também nesse território do corpo, quando cria experiências táteis. Podemos observar isso nos escritos de Mayer, quando a autora afirma:

Como é possível perceber, esta noção sobre cor poderia ser facilmente endereçada a outras experiências ditas “sensoriais”, como som e gosto, por exemplo. No que diz respeito a esta pesquisa, tal enquadramento tem como objetivo perspectivar a cor enquanto uma sensação de consciência que, no caso de pessoas com cegueira congênita, é corporificado de maneira metafórica, por concepção sinestésica (já que eles nunca a perceberam de maneira ocular). Ou seja, ao propor um conceito de cor que também abarque o processo de auto-organização de pessoas com cegueira congênita, tenho como propósito apontar para contornos multissensoriais que o conceito de cor pode ganhar em termos experienciais. (Mayer, 2016, p. 103).

Um ponto crucial nos estudos de Mayer (2016) é a reflexão de que “as coisas que não existem, não significam que estejam ausentes, mas que são presenças simbólicas que a linguagem faz existir” (Mayer, 2016, p. 123). Essa proposição confere um sentido basilar sobre a audiodescrição como mediação. O que a visão não capta pode, ainda assim, ser vivido por meio da palavra e da escuta. A audiodescrição, enquanto prática de mediação comunicacional, opera precisamente nesse espaço da existência simbólica das imagens. Ela oferece à pessoa com deficiência visual a possibilidade de participação estética do vivido daquilo que não é visto. Isso fica claro no texto de Mayer (2016):

No desenrolar das investigações, porém, foi possível constatar que o organismo não compensa a ausência de sentidos, ele se auto-(re)organiza com base em tudo o que ele experiencia, nas atividades de seu sistema atencional, nos significados que constrói a partir dos domínios semânticos em que instancia suas operações de integração conceitual. E mais, se o indivíduo nunca interagiu em seu nicho a partir da visão ocular, como ele poderia compensá-la em termos da ausência de um sentido que ele nunca experienciou? (Mayer, 2016, p.163).

A reflexão da pesquisadora sobre a referenciação e a corporeidade da linguagem sustenta uma concepção expandida de Comunicação. Em sua tese, a linguagem é compreendida como mediação viva entre mundos sensoriais diferentes e, o sujeito com cegueira congênita, é visto como produtor de sentido, não como mero receptor de descrições.

A partir dessas considerações, pode-se afirmar que a audiodescrição ultrapassar a função descritiva e firma-se no campo da mediação sensorial e comunicacional ao atribuir existência discursiva e comunicacional àquilo que não é visível.

A cor, na audiodescrição, inspirada no conceito de Mayer (2016) deve ser sentida. Não basta dizer “vermelho”, é preciso comunicar o calor, a vibração, a intensidade que esse conceito carrega cultural e sensorialmente. Trata-se, portanto, de uma comunicação sinestésica, em que som, corpo e imaginação se entrelaçam.

Ao apontar que o sentido pode ser produzido sem visão, mas com linguagem, emoção e corporeidade, Mayer (2016) propõe uma epistemologia inclusiva, em que as diferenças perceptivas não são déficits, mas formas diversas de estar no mundo.

A audiodescrição, nessa perspectiva, é uma prática que transforma o invisível em experiência compartilhada e reafirma que “as coisas que não existem podem, sim, ser sentidas, ditas e compreendidas”, (Mayer, 2016, p. 166).

A reflexão proposta por Mayer (2016) amplia, de forma significativa, o entendimento sobre a audiodescrição como mediação, ao deslocar a cor do campo do visível para a arena simbólica. Ao afirmar que “a audiodescrição não é o desvelar de um mundo de imagens oculares para a pessoa com deficiência visual” e que “o audiodescritor não é o olho de quem não vê de maneira ocular” (Mayer, 2016, p. 164), a autora rompe, assim, com a visão instrumental sobre audiodescrição e evidencia que a função da audiodescrição é “conferir condições às pessoas com deficiência visual de construir seus próprios significados”. (Mayer, 2016, p. 164). Assim a pesquisadora se posiciona a respeito da audiodescrição:

Advogo, pois, sobre a necessidade de novas pesquisas que busquem entender a audiodescrição em termos de uma atividade específica de interação e de construção conjunta, e não de uma tradução de imagens que estão lá fora, externas — ou pior, uma relação de poder em que a ausência de visão ocular é tratada como uma “anormalidade”. Assim, mostra-se urgente perspectivarmos como podemos, por meio da atividade de audiodescrição, efetivamente valorizar as capacidades da pessoa com deficiência visual, considerando-a como criadora de suas próprias experiências. (Mayer, 2016, p. 164).

Esta concepção está em consonância com os propósitos teórico-metodológicos desta pesquisa, que compreende a audiodescrição como uma forma de mediação comunicacional. O estudo aqui desenvolvida parte justamente desse princípio, de que a audiodescrição não deve ser pensada apenas como tradução ou compensação da visão, mas como um espaço de coautoria e de produção compartilhada de sentidos.

Nesse sentido, os objetivos desta pesquisa alinham-se à perspectiva de Mayer (2016) ao reconhecer que o processo audiodescritivo precisa ser entendido como uma prática interativa do sentir, na qual o audiodescritor e a pessoa com deficiência visual constroem juntos a experiência comunicacional. Essa visão reforça a importância de se estudar a audiodescrição sob a ótica da mediação comunicacional e como construção simbólica da pessoa com deficiência visual.

3 CAPÍTULO II - METODOLOGIA

3.1 A escuta sensível e a experiência com grupos focais

O caminho percorrido para a consolidação da metodologia desta pesquisa foi pavimentado pelas exigências da natureza do objeto em análise. O estudo da audiodescrição como mediação para processos de produção de sentidos por pessoas com deficiência visual resultou de uma articulação entre teorias que interpretem o fenômeno e a participação das pessoas cegas ou com baixa visão como interlocutoras na geração de dados.

Assim, optou-se por um pesquisa qualitativa-interpretativa, cuja ênfase recai sobre a compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos com deficiência visual à mediação realizada por meio de uma experiência com audiodescrição. Segundo Minayo (2016):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, dentro das Ciências Sociais, com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas também por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e compartilhada com seus semelhantes. (Minayo, 2016, p. 20).

Esta abordagem permitiu que nos aproximássemos do universo simbólico dos participantes, com a valorização de suas narrativas, gestos, silêncios e formas de expressão. No caso desta investigação, isso significa reconhecer as múltiplas dimensões sensoriais e comunicacionais envolvidas na experiência da audiodescrição, considerando a escuta sensível como ferramenta central para a geração de dados, conforme corrobora Minayo, (2016) “a análise qualitativa não é uma mera classificação da opinião dos informantes, é muito mais. É a descoberta de seus códigos sociais a partir das falas, símbolos e observações. (Minayo, 2016, p. 26)”.

Iniciamos a interlocução com estudantes com deficiência visual de cursos de graduação da Universidade Federal do Pará que fazem parte da coordenação da Associação dos Estudantes com Deficiência (ADD/UFGA) realizando entrevistas individuais por meio de um questionário estruturado. No entanto, observamos que esta forma de entrevista não permitia uma expansão das manifestações que surgem em processos de audiodescrição, dado nossas experiências profissionais como audiodescritora, em interação com pessoas cegas ou com baixa visão.

Durante as entrevistas com questionário composto de perguntas fechadas, os estudantes limitavam-se a respondê-las sinteticamente. As respostas dos questionários foram fundamentais para se perceber a importância da audiodescrição para a acessibilidade, mas não eram suficientes para a compreensão do que a pesquisa se propôs a investigar: a audiodescrição como mediação.

Neste sentido, tomamos a decisão de experimentar realizar agrupamentos de estudantes com deficiência visual para se entender as manifestações sensoriais em situações de interação social por meio da apresentação de uma experiência com audiodescrição. Assim, elaboramos uma lista com nomes e contato de estudantes com deficiência visual com o objetivo de realizarmos a conversa em grupo.

A lista de estudantes convidados para a participação nos grupos focais foi composta por pessoas inseridas no ensino superior, restritas a uma parcela reduzida da sociedade. Este recorte não teve um caráter hierarquizante, mas metodológico, na medida em que a vivência universitária desses sujeitos

proporcionou repertórios discursivos e experiências comunicacionais que contribuíram para a análise das mediações produzidas pela audiodescrição.

Os grupos se mostraram exponencialmente mais frutíferos para a investigação, pois começamos a perceber, já na primeira experiência, que foram ampliadas as possibilidades de análises, com foco na experiência sensorial coletiva. Como afirma Zimerman (2000) sobre a constituição de grupos:

O ser humano é gregário, só existe, ou subsiste, em função de seus relacionamentos grupais. Sempre, desde o nascimento, ele participa de diferentes grupos, numa constante dialética entre a busca de sua identidade individual e a necessidade de uma identidade grupal e social. (Zimerman, 2000, p. 82).

Com a opção consolidada de que a mediação com grupos expandia a observação e ampliava a perspectiva da análise, decidiu-se pela adoção de grupos focais como método para o alcance dos objetivos desta pesquisa. De acordo com Martino (2018), um “grupo focal é um método qualitativo que visa compreender as opiniões, percepções e representações de um grupo de pessoas a respeito de determinado tema”. (Martino, 2018, p.121).

É importante ressaltar que a constituição dos grupos focais desta pesquisa foi potencializada pela participação de lideranças estudantis que atuam na Associação de Estudantes com Deficiência da (ADD/UFGA), considerando que a entidade foi fundada por um núcleo de estudantes com deficiência visual, o que implica na presença significativa de estudantes cegos e com baixa visão na composição da diretoria dessa associação.

A presença de diversos estudantes com deficiência visual nesta associação facilitou a mobilização para que participassem dos grupos focais. Minayo (2016), assim trata da especificidade deste método de construção de dados da pesquisa:

Que importância tem o grupo focal e qual sua diferença em relação à entrevista individual? Essa técnica de abordagem muitas vezes é utilizada de forma funcional, como uma finalidade em si, sobretudo quando são muitos atores e torna-se mais prático reuni-los em torno de grupos. Mas ele também pode subsidiar as entrevistas. Por exemplo, o investigador destaca um tema que julgue importante aprofundar e o traz para o debate de um grupo. No entanto, a real dimensão de utilidade dos grupos focais é o seu papel interativo, permitindo a formação de consensos sobre determinado assunto ou de mostrar dissensos a partir das mútuas argumentações, ao contrário das entrevistas

que costumam ocorrer de forma solitária. Desta forma, seu resultado é único e diferente do que o pesquisador possa obter numa interlocução com apenas uma pessoa (Minayo, 2016, p. 62).

Esse contexto de convivência dos estudantes em torno da ADD/UFGA permitiu uma maior consciência gregária entre os estudantes, o que contribuiu para que aqueles que participaram desta pesquisa, tivessem uma maior interação na dinâmica apresentada a eles, considerando que já havia uma efetiva interligação entre os membros que constituíram os grupos focais. “Por agrupamento entendemos um conjunto de pessoas que convivem partilhando de um mesmo espaço e que gradam entre si uma certa valência de inter-relacionamentos e uma potencialidade em virem a se constituir como grupo propriamente dito” (Zimerman, 2000, p. 83).

As amplas possibilidades dos grupos focais são reforçadas por Minayo, (2016) quando afirma que:

É preciso reforçar a importância dos grupos focais. Junto com o uso das histórias de vida, das entrevistas abertas ou semiestruturadas e da observação participante, o pesquisador constrói uma série de possibilidades de informações que lhe permitem levar em conta várias opiniões sobre o mesmo assunto e obter mais informações sobre a realidade. Os grupos focais têm ainda a qualidade de permitir a formação de consensos sobre determinado assunto ou de cristalizar opiniões díspares, a partir de argumentações, ao contrário das entrevistas que costumam ocorrer de forma solitária. (Minayo, 2016, p. 63).

O grupo focal, neste sentido, mostrou-se assertivo e um espaço privilegiado de observação das interações sociais e discursivas que emergem durante a vivência de uma experiência com audiodescrição. Para Martino (2018), “grupos focais são constituídos por pessoas com algum ponto em comum que as qualifica para a pesquisa. Elas são convidadas a discutir as questões e temas propostos pelo moderador. A discussão pode ser gravada em áudio, mas também pode ser filmada ou anotada e utilizada na pesquisa” (Martino, 2018, p.122).

No espectro desta pesquisa, o ponto em comum entre os participantes dos grupos focais é a deficiência visual, compostos por pessoas cegas e com baixa visão. Além da deficiência em comum, todos os participantes já conheciam a audiodescrição como técnica de acessibilidade

Os perfis dos estudantes foram definidos de modo que fossem reunidas pessoas que já estivessem ambientadas umas às outras, no sentido de terem atividades em comum, que permitissem uma interação social no momento da realização dos grupos focais.

Foram realizados o total de três grupos focais durante o percurso desta pesquisa, entre 2024 e 2025. O grupo 1 contou com a participação de três estudantes, sendo uma pessoa cega e duas com baixa-visão. O grupo 2 contou com a participação de quatro estudantes, sendo três pessoas cegas e uma com baixa visão. O grupo 3 contou com a participação de quatro estudantes, sendo uma pessoa cega e 3três com baixa visão.

GRUPO FOCAL 1 3 participantes	GRUPO FOCAL 2 4 participantes	GRUPO FOCAL 3 4 participantes
Ouvinte 1 - cegueira Ouvinte 2 - baixa visão Ouvinte 3 - baixa visão	Ouvinte 1 - cegueira Ouvinte 2 - cegueira Ouvinte 3 - cegueira Ouvinte 4 - baixa visão	Ouvinte 1 - cegueira Ouvinte 2 - baixa visão Ouvinte 3 - baixa visão Ouvinte 4 - baixa visão

Tabela 2- Quadro de participantes dos grupos focais

Os participantes foram convidados mediante contato via telefone, no qual foi explicado o objetivo da pesquisa e sobre as condições éticas de participação, com a garantia de liberdade de adesão e a possibilidade de desistência a qualquer momento. Para cada grupo focal, foram convidadas até 5 pessoas com deficiência visual, sem distinção entre pessoas cegas e com baixa visão.

O primeiro encontro ocorreu na sala de reunião do Programas de Pós-Graduação e Comunicação e Cultura na Amazônia da PPGCOM/UFGA e os demais na Sede da Associação dos Estudantes com Deficiência da UFGA, localizada no Campus Básico-Belém da UFGA. Antes do início das atividades, todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando a gravação dos encontros em áudio e o uso dos dados

exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, com a preservação do anonimato dos envolvidos

3.2 A dinâmica dos grupos focais

Os grupos focais foram cuidadosamente planejados para criar um ambiente acolhedor e seguro, no qual todos se sentissem à vontade para expressar suas percepções e reflexões. Os encontros foram estruturados em três momentos principais, que buscaram facilitar a participação ativa, a escuta atenta e a análise compartilhada das experiências dos participantes, como exposto a seguir:

1. Apresentação e acolhimento: início do encontro, com explicação sobre a pesquisa e breve conversa para que os participantes se apresentassem e se sentissem confortáveis com o ambiente e com a proposta, neste momento foi realizada a leitura do Termo de Consentimento.
2. Exposição de uma imagem audiodescrita: foi apresentada a audiodescrição de uma imagem pela pesquisadora. O objetivo, nesta etapa, foi observar como os participantes reagem, interpretavam e comentavam a audiodescrição.
3. Roteiro de mediação: após a apresentação da audiodescrição a pesquisadora mediou perguntas por meio de um roteiro semiestruturado para a condução do diálogo.

A pesquisadora atuou como mediadora do grupo e todos os participantes foram incentivados a falar livremente sobre a audiodescrição apresentada

O roteiro semiestruturado utilizado nos grupos focais foi construído com perguntas a partir de três eixos complementares formulados com base nas discussões teóricas que fundamentam esta pesquisa e que serviram de parâmetro para análise dos dados:

EIXO DIALÓGICO	Relate como você compreendeu a imagem audiodescrita.
	Fale sobre algo similar que você já tinha ouvido antes em textos, conversas, filmes.
	Fale sobre como suas lembranças colaboraram para a forma como vocês criou a imagem mental a partir da audiodescrição.
	As falas dos outros participantes do grupo fizeram você repensar seu entendimento sobre a imagem?
	Fale sobre esta experiência de dialogar sobre uma imagem coletivamente.
	A imagem impactou você socialmente?
EIXO DISCURSIVO	Quais palavras escolhidas ou enfoques destacados pela audiodescritora colaboraram para você criar uma imagem mental?
	Você sentiu que a audiodescritora conversou com você ou apenas informou?
	Se vocês pudessem definir a audiodescrição, como diria: acolhedora, técnica, poética, autoritária.
	Fale se faltou algo que tenha dificultado você se situar no contexto da imagem?
	Você sentiu que a audiodescrição interpretou o conteúdo ou apenas informou?
	Você se sentiu incluído na cena descrita?
EIXO SENSORIAL	Fale sobre os sons, o ritmo da fala da audiodescritora influenciaram a forma como vocês elaborou a cena.
	Fale sobre como seus sentidos contribuem para você formar uma imagem mental.
	Alguma descrição já te causou estranhamento, desconforto ou confusão?
	Você acha que o enquadramento de uma imagem durante a audiodescrição faz diferença? Se está em close, ângulo amplo?
	Como você costuma perceber um filme, espetáculo ou imagem quando há audiodescrição?
	Qual a importância da Audiodescrição para você na sua vida?

Tabela 3 - Roteiro utilizado nos grupos focais



Ilustração 2 - Imagem audiodescrita trabalhada nos grupos focais

FOTOGRAFIA COLORIDA. NA PARTE SUPERIOR DA FOTOGRAFIA, À DIREITA, EM ÂNGULO DE CLOSE, O ROSTO DE UMA MULHER DE PELE PRETA ENCOSTA NA LATERAL DO ROSTO DE UMA CRIANÇA, BEBÊ, DE PELE PRETA, POSICIONADA À ESQUERDA E MAIS ABAIXO DO ROSTO DA MULHER. UMA LUZ INCIDE SOBRE A PARTE SUPERIOR DO ROSTO DA MULHER E DESTACA OS OLHOS VERMELHOS E LACRIMEJANTES, COM UMA LÁGRIMA ESPESSA ESCORRENDO. A CRIANÇA POSSUI OLHOS NA COR PRETA E ENCONTRA-SE COM A BOCA SEMIABERTA, MOSTRANDO OS DENTINHOS. (Audiodescrição: Ana Lúcia Oliveira)

Tabela 4- Audiodescrição da imagem trabalhada nos grupos focais

No decorrer dos grupos focais, buscou-se compreender de que forma os participantes constroem sentidos a partir da experiência de ouvir uma audiodescrição de imagem e como se expressam sobre o que percebem, imaginam ou sentem. O grupo focal foi concebido, portanto, como um espaço de mediação comunicacional, em que a pesquisadora atuou, não apenas como

observador, mas também como mediador da escuta, incentivando o diálogo, a partilha e a reflexão.

Todos os encontros foram gravados em áudio com o consentimento dos participantes, e posteriormente transcritos integralmente. As transcrições constituem o corpus da pesquisa e serão analisadas a partir das categorias de análise definidas nos três eixos citados acima. Durante os grupos focais, foram observados não apenas os conteúdos das falas, mas também as formas discursivas, os silêncios, as pausas e as interações entre os participantes, elementos que compõem a dimensão investigativa da experiência comunicacional e os objetivos desta pesquisa.

4 CAPÍTULO III - ANÁLISE

4.1 Construindo sentidos a partir da escuta

Os dados produzidos nos grupos focais foram analisados a partir de parâmetros estabelecidos nos três eixos que estruturaram o roteiro de perguntas: o eixo dialógico, o eixo discursivo e o eixo sensorial.

Eixo 1 - Dialógico - Fundamentado em Bakhtin (1993; 1997; 2014), este eixo buscou identificar nas falas dos participantes como se estabelecem as relações entre vozes presentes na audiodescrição; como se manifesta a escuta mediada pelo outro, as formulações de sentidos explicitadas e as interações responsivas da linguagem. O objetivo dessa dimensão foi compreender a audiodescrição como um espaço de encontro entre sujeitos e vozes sociais.

Eixo 2 - Discursivo - analisou o modo como o audiodescritor organiza sua fala e se posiciona diante do público com deficiência visual; a imagem de si que o enunciador constrói por meio de suas escolhas linguísticas, entonações e atitudes discursivas. O objetivo foi compreender como o discurso da audiodescrição busca incluir o interlocutor e instaurar uma relação de empatia, neutralidade ou autoridade, que interferem diretamente na produção de sentido, segundo as formulações teóricas de Maingueneau (2008; 2013).

Eixo 3 - Sensorial - Baseado em Castro (2018), propõe a ampliação da análise sobre a produção de sentido para as dimensões corporais, considerando como os sujeitos com deficiência visual mobilizam sentidos, táteis, auditivos e gustativos na construção de sentido. O eixo sensorial analisou as manifestações sensoriais evocadas pela audiodescrição e buscou compreender como o corpo participa do processo de significação na audiodescrição e como os participantes constroem imagens mentais e afetivas mediadas pela escuta, pela sonoridade e pelas sensações.

A estruturação da análise dos dados organizada em três eixos teve como objetivo evidenciar as dimensões que constituem a audiodescrição no campo comunicacional. Por meio desses eixos foi possível observar o diálogo entre as vozes presentes no processo de audiodescrição; identificar as estratégias discursivas mobilizadas pelos sujeitos envolvidos; e compreender as formas sensoriais de construção de sentido pela pessoa com deficiência visual. Cada eixo corresponde, assim, a uma perspectiva teórico-analítica específica que, articulada às demais, permitiu compreender a audiodescrição como uma prática comunicativa mediadora.

A análise foi realizada a partir das respostas produzidas nos grupos focais, considerando-se uma pergunta orientadora de cada eixo do roteiro que corresponda à essência teórica do referido eixo. As respostas foram interpretadas tendo como base o referencial teórico adotado, de modo a articular os dados empíricos às categorias analíticas propostas.

Nas tabelas seguintes, constam as respostas dos participantes dos três grupos focais e a interpretação inicial sobre o sentido das respostas presentes em cada grupo focal:

4.2 EIXO I - DIALÓGICO

Pergunta - Relate como você compreendeu a imagem audiodescrita.

Respostas do grupo focal 1	
Ouvinte1	A primeira mensagem que me remeteu foi de maternidade, como se essa mulher fosse mãe dessa criança. Achei diferente o destaque, com aquela luz, segundo a audiodescrição, está focando a parte de cima do rosto da mulher, que tá chorando com lágrimas bem nítidas. No caso dessa imagem, a mensagem principal que quer se passar é o sofrimento dessa mulher.
Ouvinte 2	A fotografia, pela informação que foi dada, era uma fotografia de duas pessoas, sendo uma mulher e uma criança. E que o rosto da criança estava um pouco abaixo do rosto da mãe. E que eram as duas, eram pretas, quanto a mãe quanto a criança. E que elas estavam sob uma luz, que reluzia sobre elas. Então, a imagem que vem é essa, de uma mãe com uma filha, uma mãe que tinha uma lágrima. E que a mãe estava chorando. A audiodescrição me ajudou a imaginar a foto, pensando nos rostos da mulher e da criança e na luz sobre eles.
Ouvinte 3	Pensei deve ser uma cena de uma mãe apavorada, da criança tá passando fome, mas depois analisando melhor, pode ser um momento de afeto da mãe da criança.

Tabela 5 - Quadro de respostas do grupo focal 1 do Eixo I

Respostas do grupo focal 2	
Ouvinte1	Não deu para entender se ela está segurando a criança, deveria ter sido dito onde a criança está. Imagino que fosse uma troca de afeto com a pessoa.
Ouvinte2	Entendi o contexto de ser uma mulher negra, as lágrimas têm a ver como racismo, achei superinteressante essa audiodescrição que me deu essa ideia, ela pode tá pensando nas barreiras que a criança pode enfrentar.

Ouvinte3	Quando a senhora está lagrimando e tem o rosto colado ao do bebê, ela tá pensando nas dificuldades que essa criança vai sofrer, quando ela crescer, como ela está passando por dificuldade por ser uma pessoa preta, porque o nosso mundo é muito cruel com essas pessoas, não dá oportunidade para essas pessoas, é muito difícil.
Ouvinte4	A primeira coisa que entendi que é uma mãe que acaba de sair do hospital, após o parto, mas quando você falou que a criança tinha dentinhos, eu vi que não era isso. Essa audiodescrição é ótima, porque ela é justamente, ela nos leva para uma subjetividade que é nossa, é meu direito, enquanto posso fazer a minha subjetividade, sobre aquela imagem, então aquela audiodescrição que já vem pronta é desrespeitoso, porque em nenhum momento está definido que é a mãe da criança

Tabela 6 - Quadro de respostas do grupo focal 2 do Eixo I

Respostas do grupo focal 3	
Ouvinte1	Apresentou a cena é de um rosto feminino de uma mulher negra e de uma criança que me chamou mais atenção é primeiro, foi o foco da luz que incide no rosto da mulher e as lágrimas, as cores vermelhas. Você enfatizou na audiodescrição, trouxe o contexto pra mim de sofrimento, de estar chorando.
Ouvinte2	Eu consegui captar que há um sentimento que tá ocorrendo nesse momento, que tá levando ela a chorar, mas eu queria entender qual circunstância está acontecendo, porque ela pode estar muito bem, ela tá expressando algum sentimento pelo filho dela que na audiodescrição não deixa muito claro.
Ouvinte3	Mas quando a gente fala de audiodescrição a gente descreve o que a gente tá vendo, a gente não pode explicar tudo na audiodescrição, (aqui a ouvinte responde para outro participante que reivindicou mais informações na audiodescrição) porque senão não vai ser audiodescrição, também acho que por exemplo assim dá pra tirar o próprio contexto da própria imagem

Ouvinte4	Como aqui é uma fotografia, que a gente tecnicamente nem chama de fotografia, chama de retrato, ela antecede uma contextualização, um enfoque de fato que está sendo descrito. Era necessário que a gente pudesse entender em que contexto ela tá ocorrendo.
----------	--

Tabela 7 - Quadro de respostas do grupo focal 3 do Eixo I

Neste Eixo Dialógico podemos observar que, nos três grupos focais, os ouvintes expressaram que entenderam que a fotografia apresenta um contexto de maternidade, que a mulher é mãe do bebê, mesmo sem que isso tivesse sido mencionado na audiodescrição. Acreditamos que essa construção mental da imagem se deu no sentido dialógico bakhtiniano, quando os ouvintes recorreram aos seus repertórios e experiências linguísticas para associar uma mulher chorando e um bebê na mesma cena como uma relação de maternidade. Para Bakhtin, “cada enunciado é um elo na cadeia muito complexa de outros enunciados” (Bakhtin, 1997, p. 292), isso se evidencia quando os ouvintes utilizam a audiodescrição como ponto de partida, mas recriam a cena com base em suas próprias vozes sociais. O ouvinte 1 do grupo focal I, associa a cena à maternidade e ao sofrimento e, para isso, mobiliza discursos culturais que vinculam mulher, criança e dor. Já o ouvinte 4 deste mesmo grupo, enfatiza que, logo no início, havia entendido se tratar de uma mãe saindo do hospital após o parto, mas que, quando ouviu que a criança possuía dentinhos, reformulou a imagem mental. Isso demonstra que o sentido se reorganiza continuamente a partir do diálogo entre audiodescrição e repertório individual do ouvinte.

O ouvinte 2 do grupo focal 3 expressa a dialogicidade ao reivindicar mais elementos para entender as circunstâncias, já que o choro da mulher revela, para o ouvinte, sentimentos que podem ser de sofrimento ou não. Isso demonstra que o enunciado da audiodescrição não oferece um sentido fechado, mas um enunciado inicial que convoca respostas.

Assim, as falas evidenciam que a audiodescrição não apenas transmite informações, mas ativa múltiplas vozes e possibilita que cada participante construa sentidos próprios. Nos três grupos focais, o sentido dialógico emergiu do entrelaçamento das falas, das concordâncias, das tensões e retomadas de

diálogo. Cada enunciado proferido pelos participantes se construiu em relação ao que foi dito anteriormente e antecipa respostas possíveis, confirmando a noção bakhtiniana de que todo dizer é orientado para o outro e carrega em si a marca da voz social.

A compreensão da imagem pela pessoa cega ou com baixa visão é contruída, portanto, do encontro entre o discurso audiodescritivo e os discursos dos ouvintes, confirmando o caráter essencialmente dialógico da audiodescrição.

4.3 EIXO II - DISCURSIVO

Pergunta: Quais palavras escolhidas ou enfoques destacados pela audiodescritora colaboraram para você criar uma imagem mental?

Respostas do grupo focal1	
Ouvinte1	O destaque com aquela luz, segundo a audiodescrição, está focando a parte de cima do rosto da mulher, que tá chorando com lágrimas bem nítidas.
Ouvinte2	na questão da luz que batia no rosto dela.
Ouvinte3	A fotografia, pela informação que foi dada, era uma fotografia de duas pessoas, sendo uma mulher e uma criança. E que o rosto da criança estava um pouco abaixo do rosto da mãe. E que as duas, eram pretas. E que elas estavam sob uma luz, que reluzia sobre elas. Então, a imagem que vem é essa, de uma mãe com uma filha, uma mãe que tinha uma lágrima. E que a mãe estava chorando.

Tabela 8 - Quadro de respostas do grupo focal 1 do Eixo II

Respostas do grupo focal 2	
Ouvinte1	a cor da pele, as lágrimas, e a questão da criança e por experiência própria, quando você tem um filho, minha sugestão que poderia ter sido colocada apenas bebê e não criança bebê, porque você já tem a ideia, porque, neste contexto, é realmente um bebê.

Ouvinte2	Quando falou que a fotografia está em close, para mim, que nasci cego, não fez diferença, seria melhor, explicar o que é close.
Ouvinte2	Quando disse que o bebê era preto, mas faltou citar os traços do rosto para perceber, por exemplo, se ela está com raiva, está com senho franzido, se ela está com a boca rígida.
Ouvinte4	Os olhos da moça, porque, muitas das vezes, o olhar transmite muita coisa e, nós, que não enxergamos, a gente perde muito da comunicação visual. Às vezes, só de olhar para uma pessoa você já entende o que ela quer passar, mas já seria uma interpretação do próprio audiodescritor. A gente forma nossa imagem aqui na mente, a lágrima espessa, então um choro intenso, apesar de não estar dizendo que ela está com rosto franzido, mas é uma imagem em que a mulher está emocionadíssima e a cor da pele da mulher, uma coisa que já traz um outro olhar para a questão do racismo,

Tabela 9 - Quadro de respostas do grupo focal 2 do Eixo II

Repostas do grupo focal 3	
Ouvinte1	A cor da pele da mulher e da criança, me remeteu ao sofrimento porque ela está chorando.
Ouvinte2	A questão de saber a hora de fazer silêncio. Por exemplo na hora de assistir a filmes, tem hora que o audiodescritor tem que falar de menos.
Ouvinte3	Essa lágrima representa algo realmente triste
Ouvinte4	Um rosto feminino de uma mulher negra e de uma criança que me chamou mais atenção é foi o primeiro foi o foco

Tabela 10 - Quadro de respostas do grupo focal 3 do Eixo II

No Eixo Discursivo, observamos que, nos três grupos focais, os ouvintes identificam que palavras como luz, lágrima, cor da pele, expressões faciais, posição dos corpos e o foco da imagem aparecem como marcadores do discurso

audiodescritivo que guiam a interpretação e a produção de sentido. Isso revela que a audiodescrição atua como mediação discursiva, isto é, como um conjunto de escolhas lexicais e enfoques que orientam a elaboração da imagem mental de forma contextualizada. Isso confirma que a linguagem audiodescritiva não apenas informa, mas também seleciona e hierarquiza sentidos e influencia diretamente a forma como a cena é imaginada, como afirma Maingueneau: “falar é uma forma de ação sobre o outro e não apenas uma representação do mundo” (Maingueneau, 2013, p. 59).

No Grupo Focal 2 deste eixo, surgem críticas que evidenciam a natureza discursiva da mediação, quando a audiodescrição fez uso de termos técnicos como “close”, pouco acessíveis para pessoa que nasceu cega. Isso evidencia que o discurso da audiodescrição não é neutro e cada palavra potencializa ou restringe sentidos. No grupo focal 3, a cor da pele, o sofrimento e a incidência de luz no rosto da mulher são mencionados como demarcação interpretativa. Um dos ouvintes destaca que fazer audiodescrição, também envolve saber quando não falar e isso reforça que a audiodescrição é uma mediação discursiva que exige escolhas de falas em cada contexto. Aqui percebe-se o “ethos” apontado por Maingueneau (2013) como o posicionamento do audiodescritor no discurso da audiodescrição.

Os grupos três grupos focais evidenciaram que a forma como os participantes reconhecem e questionam o discurso audiodescritivo, demonstra que o sentido não está apenas na imagem original, mas nas estratégias discursivas que a tornam acessível, como afirma Maingueneau (2013) “compreender um enunciado não é reproduzir o pensamento do enunciador, mas produzir, a partir de pistas, uma interpretação possível” (Maingueneau 2013, p. 25). Sendo assim, o eixo discursivo permite-se afirmar que a audiodescrição medeia sentidos na medida em que possibilita reinterpretação por parte da pessoa com deficiência visual.

4.4 EIXO III - SENSORIAL

Pergunta: Fale sobre como seus sentidos contribuem para você formar uma imagem mental

Respostas do grupo focal 1	
Ouvinte1	Se eu sinto cheiro de planta, eu sei que o ambiente é arborizado.
Ouvinte2	Quando a pessoa fala comigo e não se descreve, eu acabo imaginando como ela é pela voz,
Ouvinte3	A gente sente muito pelo corpo, pelo toque, pelo cheiro.

Tabela 11 - Quadro de respostas do grupo focal 1 do Eixo III

Respostas do grupo focal 2	
Ouvinte1	Eu lembro de uma professora que medisse que tudo é um discurso, o silêncio é um discurso, a tua bengala é um discurso, então isso também é um sentido de como a gente tem que entender o mundo.
Ouvinte 2	Durante quinze anos eu dei aula de capoeira. Em uma aula de capoeira esses sentidos, eles foram trabalhados, eu não nasci cego, mas comecei a perder a visão com 23 anos, e essa apropriação desses sentidos na interação social foi importantíssimo. Na roda de capoeira, a gente percebe os movimentos através do som do berimbau, das palmas, por meio do toque de um amigo na hora, às vezes, até o suor quando exala de uma pessoa que está ao teu lado é referência na roda.
Ouvinte 3	Para mim, tem que haver uma troca, então eu acho que é importante a pessoa se expressar pela respiração, pela fala, o toque, o cheiro, o tato, porque se a pessoa ficar inanimada ali na minha frente é difícil.
Ouvinte 4	Uma vez um candidato a reitoria veio aqui na ADD, ele falou o que quis e saiu, e todos nós percebemos, o meu radar está ligado a tudo que está acontecendo, é por isso que muita informação acaba me irritando, a gente acaba se perdendo.

Tabela 12 - Quadro de respostas do grupo focal 2 do Eixo III

Respostas do grupo focal 3	
Ouvinte1	Realmente é a voz humana, enquanto narração, porque é muito complicado, a gente que é cego, em especial que utiliza a leitura de tela o dia inteiro, chegar em casa e querer dar uma relaxada e escutar uma série, um filme com audiodescrição com voz humana. Na voz sintética, a gente perde a emoção, perde todo aquele contexto poético através das vozes.
Ouvinte2	A pergunta fez eu lembrar de uma aula que eu tive eu tive de adaptação, quando as professoras me levaram para a rua e disseram: perceba que, aqui na esquina, o som fica mais intenso, a ventilação fica mais intensa, tudo isso abriu o mundo para mim. Eu sei quando meu ônibus está chegando.
Ouvinte3	É meio natural para mim que eu perceba as coisas pelo que acontece ao meu redor.
Ouvinte4	No instituto Paulo Azevedo tem uma disciplina que ensina agente a fazer as coisas dentro de casa, a cozinhar. Tudo, tem uma dinâmica lá que ela pega um bocado de frutas e vai dando para você falar que fruta é aquela. Então essa comunicação é tão importante, o sentir, o olfato, o cheiro da fruta, o tato e sabe se é uma maçã.

Tabela 13 - Quadro de respostas do grupo focal 3 do eixo III

No Eixo Sensorial, todos os grupos focais demonstraram a importância de referências corporais para a produção de sentido e elaboração de imagem mental. Os ouvintes 2 e 3 do grupo focal 3 falaram de processos de aprendizagem envolvendo outros sentidos que não a visão. Percebe-se que na relação da audiodescrição com os ouvintes que a centralidade da percepção de elementos corporais no texto audiodescrito para a elaboração de imagem mental. No grupo focal 1, os ouvintes destacaram os sons das vozes, a incidência de luz, os cheiros, o toque como elementos para a produção de sentido sobre a imagem. Isso corrobora o que Castro (2018) afirma: “Quando falamos em imagem estamos falando de algo que vemos também com os olhos

da mente, esses olhos que escapam da fisicalidade da materialidade do corpo biológico e alcança, digamos, o corpo cultural". (Castro, 2018, p.209).

No grupo focal 3, o ouvinte 1 menciona que a voz sintética limita a dimensão sensorial e emocional de um filme ou série. Isso demonstra que a audiodescrição é necessária não somente como técnica de acessibilidade, mas como mediação da subjetividade corpórea da pessoa cega ou com baixa visão. O eixo sensorial demonstrou, desse modo, que a produção de sentido por meio da audiodescrição ocorre a partir de uma articulação entre corpo, sensibilidade e cultura. A audiodescrição, assim, ao ampliar as possibilidades de experiência estética e simbólica da pessoa com deficiência visual, questiona a centralidade do visual para a produção de sentido e legitima outras formas legítimas de interação comunicacional.

Síntese dos três eixos: dialógico, discursivo e sensorial na perspectiva do sensorium benjaminiano

A construção da análise por meio dos três eixos teórico-metodológicos proposto nesta pesquisa foi fundamental para se compreender como a audiodescrição se constitui como mediação para a produção de sentido pela pessoa com deficiência visual.

Na perspectiva dialógica evidenciou-se que o sentido produzido pelos participantes não é resultado da descrição em si, mas nasce do encontro entre a voz que audiodescreve e a voz que escuta, interpreta e responde. Os ouvintes mobilizaram memórias e conhecimentos prévios e demonstraram, assim, que a audiodescrição funciona como provocação responsiva, conforme a concepção de Bakhtin. A palavra audiodescrita não encerra o sentido, mas abre espaço para que cada participante complete, negocie e ressignifique aquilo que escuta. Esse fator coloca a audiodescrição como um processo essencialmente dialógico e necessário para compreendê-la como mediação comunicacional.

A dimensão discursiva, demonstrou que a audiodescrição instaura uma cena enunciativa própria, na qual o audiodescritor ocupa uma posição que orienta o modo de se compreender a imagem. O ethos maingueneano construído na audiodescrição pela escolha das palavras, pela ordem dos elementos e pela postura social do audiodescritor influencia diretamente a construção mental da cena elaborada pelos participantes. O discurso da audiodescrição, portanto, não

se limita a informar, ele organiza e legitima interpretações e a relação entre narrador e ouvinte. Ao mediar a produção de sentido por meio do discurso, a audiodescrição cria as condições simbólicas para a interpretação do ouvinte.

No eixo sensorial, foi perceptível que o sentido, para a pessoa com deficiência visual, passa necessariamente pelo corpo. Os relatos dos participantes dos grupos focais mostraram que sons, timbres, ritmos, silêncios, toque e até a respiração tornam-se centrais para a comunicação de pessoas com deficiência visual e isso não é apenas uma constatação, mas uma compreensão de que a audiodescrição não pode se limitar a traduzir o visual em palavras, mas deve mediar sentidos por meio das experiências corporais.

Na dimensão sensorial, foi possível perceber que a voz que descreve não transmite apenas informação, ela carrega textura, vibração e afeto. Sendo assim, observou-se que a audiodescrição somente cumpre uma função comunicacional na medida em que medeia sensorialidades corporais para a produção de sentido.

A articulação entre os três eixos permitiu afirmar que a audiodescrição constitui-se como mediação comunicacional, pois opera no cruzamento entre linguagem, diálogo e corpo. O processo de produção de sentido envolve um ouvinte que responde, uma voz que enuncia e um corpo que sente e, é dessa triangulação que a imagem emerge como experiência acessível. A audiodescrição, portanto, não substitui a visão, não traduz imagem, ela forja outras maneiras de presença que promovem a experiência comunicacional que respeita a capacidade interpretativa das pessoas com deficiência visual.

A partir dessa compreensão, extraída dos três eixos analíticos, a conclusão de que a audiodescrição se configura como fenômeno de mediação comunicacional, pode ser compreendida como uma mudança qualitativa no *sensorium*, nos termos propostos por Walter Benjamin e retomados por Jesús Martín-Barbero ao deslocar a análise dos meios para as mediações comunicacionais. Tal deslocamento evidencia que a audiodescrição reorganiza as formas de perceber, sentir e significar, produzindo novas experiências sensoriais e simbólicas no campo da Comunicação.

Walter Benjamin, em reflexões sobre o *sensorium*, entende que não entendemos o mundo da mesma forma em todas as épocas. Para ele, os meios técnicos reorganizam a percepção coletiva a partir da compreensão da

modernidade como experiência sensorial e da técnica e da arte com reorganizadora dos sentidos e da percepção. Para ele o *sensorium* não é neutro, ele pode domesticar ou emancipar a percepção como afirma: “Ao longo de grandes períodos históricos modifica-se com a totalidade do modo de existir da coletividade humana, também o modo de sua percepção”. (Benjamin, 2017, p. 58).

Martín-Barbero afirma que as transformações comunicacionais não podem ser compreendidas apenas pela análise tecnológica, mas exigem a compreensão das mudanças no *sensorium*, isto é, nos modos de sentir, perceber e experienciar a cultura. Inspirado em Benjamin, o autor compreende que os meios atuam sobre a sensibilidade coletiva, reconfigurando temporalidades, corporalidades e formas de apropriação simbólica.

Ao articular o conceito de *sensorium* com os três eixos interpretativos desta análise, torna-se possível compreender a audiodescrição como uma forma específica de mediação comunicacional que intervém diretamente nos regimes de visibilidade e atua na reconfiguração do *sensorium*, ou seja, da percepção estética e simbólica da pessoa com deficiência visual na medida em que tensiona os limites hegemônicos das técnicas de comunicação centrada no visual e amplia a participação cultural.

Assim como Walter Benjamin compreende o *sensorium* como uma categoria histórica da percepção, formada a partir das condições técnicas, culturais e políticas de cada época. No contexto da audiodescrição, os modos de sentir, perceber e experimentar o mundo não são naturais, mas socialmente produzidos e continuamente reorganizada pelas transformações da técnica, das formas culturais, como afirma Benjamin: “A técnica submeteu, assim, o sistema sensorial a um treinamento de natureza complexa”. (Benjamin, 1989, p. 125).

O *sensorium* benjaminiano permite compreender, portanto, a percepção como um campo de disputa simbólica e política, no qual se definem regimes de visibilidade, audibilidade e sensibilidade. Nesse sentido, a audiodescrição, compreendida como mediação comunicacional, promove uma reorganização da experiência estética, ao deslocar a centralidade da imagem visual para uma experiência sensível construída na articulação entre voz, escuta, memória e corpo. Este processo implica um deslocamento do regime visual hegemônico, historicamente dominante nas práticas comunicacionais e culturais. Ao operar

nesse deslocamento, a audiodescrição instaura um *sensorium*, multissensorial no qual o sentido se produz a partir da participação ativa da pessoa com deficiência visual.

Pirâmide Audiodescritiva: uma contribuição para o campo da Comunicação

As etapas de desenvolvimento desta pesquisa permitiram identificar um aspecto estruturante da audiodescrição que emergiu, tanto da reflexão teórica, quanto da escuta dos participantes nos grupos focais associadas às nossas experiências profissionais como jornalista e como audiodescritora. Percebemos uma necessidade de organizar a hierarquia informativa do texto audiodescritivo, segundo uma lógica comunicacional que parta da perspectiva da pessoa com deficiência visual.

Foi nesse contexto que delineamos a proposta de apresentar a “Pirâmide Audiodescritiva”, inspirada na Pirâmide Jornalística que organiza o texto da notícia, mas com uma reconfiguração para atender às especificidades sensoriais da pessoa com deficiência visual.

A denominada pirâmide invertida no jornalismo é uma estratégia narrativa funcional para a construção da notícia: começa-se com o que é mais relevante para o factual, que deve ser resumido já no primeiro parágrafo, o chamado “*lead*”, estruturado em (o quê, quem, quando, onde, como e por quê) e depois seguem-se os detalhes em ordem decrescente.

Na audiodescrição, há também um princípio de hierarquização informacional, mas com outro foco perceptivo. A prioridade não é o fato mais “noticioso”, mas o que orienta a escuta e a construção da cena mental da pessoa com deficiência visual. A partir das reflexões teóricas sobre a dimensão mediadora da audiodescrição, propõe-se, como contribuição desta pesquisa para o campo da Comunicação a ideia de uma Pirâmide Audiodescritiva.

Enquanto o texto jornalístico prioriza o “o quê”, a audiodescrição, como mediação, exige que o “quem” ocupe o primeiro plano, pois o reconhecimento imediato do sujeito da imagem e da cena é o ponto de partida para que o ouvinte com deficiência visual construa mentalmente a cena e atribua sentido às ações, ao ambiente e aos demais elementos descritos.

Para a estruturação da Pirâmide Audiodescritiva propõe-se estabelecer a organização a partir do “Quem, O quê, onde, como, por quê e quando”. Essa

inversão se fundamenta na percepção da pessoa com deficiência visual demonstrada na experiência dos grupos focais e sugere que, antes de se compreender a cena como um todo, é necessário saber quem é o foco da ação, como demonstrado a seguir no Infográfico elaborado por esta pesquisa para a representação da Pirâmide Audiodescritiva.

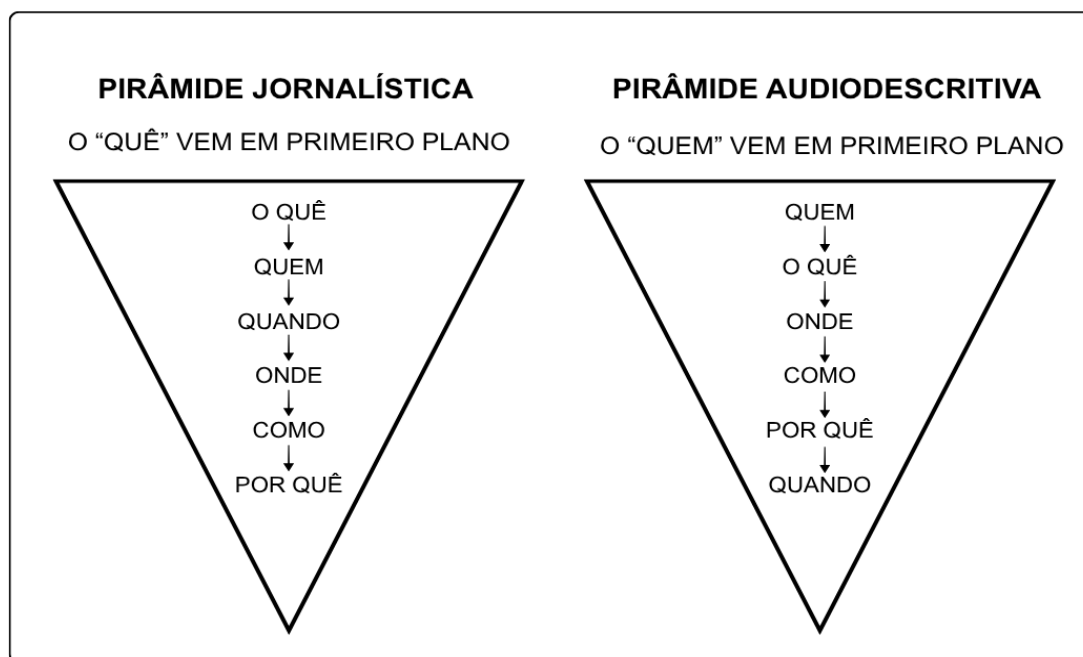


Figura 3 - Infográfico da Pirâmide Audiodescritiva

AUDIODESCRIÇÃO DO INFOGRÁFICO DA FIGURA 3 - IMAGEM COM UM FUNDO BRANCO APRESENTA LADO A LADO DUAS PIRÂMIDES INVERTIDAS COM AS PONTAS DE CABEÇA PARA BAIXO. ELAS ESTÃO DESENHADAS COM LINHAS FINAS E PRETAS. SOBRE A PIRÂMIDE DA ESQUERDA, O TÍTULO EM LETRAS MAIÚSCULAS DIZ: “PIRÂMIDE JORNALÍSTICA”. LOGO ABAIXO, A FRASE: “O ‘QUÊ’ VEM EM PRIMEIRO PLANO”. DENTRO DESSA PIRÂMIDE, HÁ UMA SEQUÊNCIA DE PALAVRAS ORGANIZADAS DE CIMA PARA BAIXO, LIGADAS POR SETAS APONTANDO PARA BAIXO: “O QUÊ”, “QUEM”, “QUANDO”, “ONDE”, “COMO” E “POR QUÊ”. À DIREITA, SOBRE A PIRÂMIDE INVERTIDA, O TÍTULO: “PIRÂMIDE AUDIODESCRITIVA”. ABAIXO, A FRASE: “O ‘QUEM’ VEM EM PRIMEIRO PLANO”. DENTRO DESSA PIRÂMIDE, TAMBÉM LIGADAS POR SETAS APONTANDO PARA BAIXO, AS PALAVRAS APARECEM NA SEGUINTE ORDEM: “QUEM”, “O QUÊ”, “ONDE”, “COMO”, “POR QUÊ” E “QUANDO”.

Tabela 14 - Audiodescrição do Infográfico da Figura 3

Desse modo, a audiodescrição poderá ser representada, não por uma pirâmide invertida factual, mas por uma “Pirâmide Audiodescritiva”, cuja base se ancora no reconhecimento do sujeito da cena e se amplia progressivamente para o contexto, a ação e o ambiente. Esta Pirâmide Audiodescritiva propõe-se que seja a expressão de uma reorganização comunicacional a partir do sujeito com deficiência visual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso teórico-metodológico desta pesquisa enfrentou, desde o início, um duplo desafio de responder ao problema central: Como a audiodescrição constitui-se enquanto mediação para a produção de sentido por pessoas com deficiência visual? E, simultaneamente, demonstrar o necessário deslocamento epistemológico da audiodescrição do lugar de tradução verbal para o de mediação no campo da Comunicação.

Para responder a esse movimento, optou-se por mobilizar autores situados tradicionalmente na área da linguagem (Bakhtin, 1993, 1997, 2014) e Maingueneau (2013; 2008) para dialogarem com Castro (2018). Uma escolha que buscou responder à questão específica da pesquisa e, também, demonstrar as dimensões em que isso ocorre para posicionar a audiodescrição como mediação no campo Comunicacional.

Ao mobilizar Bakhtin para elucidar a audiodescrição como lugar de voz social; Maingueneau para evidenciar a densidade discursiva e Castro (2018) para reafirmar a centralidade do corpo sensível no processo comunicativo, este estudo, além de resolver seu problema investigativo, apontou caminhos para que o campo da Comunicação assuma a importância dos estudos da audiodescrição como lugar de interação do público com deficiência visual na esfera comunicacional.

No caso da proposta desta pesquisa, de se estudar a audiodescrição fazendo o deslocamento da tradução para a mediação, foi necessário demonstrar como este deslocamento se constrói no campo da Comunicação. O entrelaçamento dos estudos da área da Linguagem com a área da Comunicação foi decisivo para se compreender os processos envolvidos no recurso da audiodescrição que a materializam como mediação comunicacional. Foi esta

perspectiva, em diálogo com os sujeitos com deficiência visual, a via teórico-metodológica pela qual se respondeu ao problema de pesquisa.

O processo para se responder à questão de pesquisa foi demonstrado nas etapas contidas nos objetivos específicos do estudo. Assim, por meio da realização de grupos focais constituídos por pessoas cegas e com baixa visão, foram alcançadas todas as etapas estipuladas para se analisar a audiodescrição como mediação comunicacional. Assim foram examinados os processos mobilizados pela audiodescrição na interação entre texto audiodescrito e ouvinte; foram identificadas estratégias discursivas presentes na audiodescrição; foi investigada a dimensão sensorial envolvida no processo da audiodescrição.

Os eixos analíticos propostos para a compreensão da audiodescrição como mediação, o dialógico, o discursivo e o sensorial, evidenciaram como esse dispositivo mobiliza a produção de sentido a partir de diferentes dimensões comunicacionais. O eixo dialógico permitiu compreender a audiodescrição como um processo de interlocução social, no qual o enunciado se orienta para um ouvinte e se constrói pela responsividade ao texto audiodescrito. Já o eixo discursivo revelou como a audiodescrição organiza um cenário enunciativo específico e cria um ethos narrativo, com posicionamentos do audiodescritor e do ouvinte na cena de enunciação. Por sua vez, o eixo sensorial demonstrou que a audiodescrição recorre à experiência corpórea, sonora, rítmica e perceptiva como elementos centrais para a construção do sentido.

Sendo assim, os três eixos convergiram para afirmar a audiodescrição como recurso de mediação comunicacional, que se constrói em diversas camadas demonstradas na análise dos eixos. Os resultados desta análise revelaram que a audiodescrição é um processo discursivo de interação social que aciona um conjunto de parâmetros no campo da linguagem e da comunicação sensorial para cumprir uma função de ampliar a experiência sensorial da pessoa com deficiência e sua participação como um sujeito ativo na produção de sentido em suas interações comunicacionais.

Os grupos focais reforçaram o entendimento de que a pessoa com deficiência visual é um sujeito que interpreta, negocia e ressignifica a audiodescrição e, também, evidenciaram que é necessário que a audiodescrição incorpore as diferenças existentes nas diversas deficiências visuais.

As experiências desenvolvidas nos grupos focais permitiram observar, também, que é importante considerar as diferenças entre a forma de percepção da pessoa cega, que já nasceu com a deficiência e aquele que adquiriu ao longo da vida e, ainda, atentar para os variados graus de baixa visão.

A pesquisa conclui que a audiodescrição é um fenômeno comunicacional de mediação que opera em diversas dimensões para a construção do discurso audiodescritivo, os quais engloba os aspectos da linguagem e da comunicação sensorial. Ao mesmo tempo, o estudo evidencia uma lacuna importante no campo da Comunicação que, ainda não consolidou os estudos sobre a audiodescrição como objeto próprio, como Mayer (2016), já havia constatado ao estudar o conceito de cor para pessoas cegas:

Tal constatação nos leva a uma questão que precisa ser problematizada e melhor explorada em pesquisas futuras: como (re)pensar a concepção do que seja a atividade de audiodescrição e qual é o papel do audiodescritor nesta nova concepção? Ainda que explorando estas questões de maneira bem inicial, me parece claro estabelecer que a audiodescrição não é o desvelar de um mundo de imagens oculares para a pessoa com deficiência visual; e por isso mesmo, o audiodescritor não é o olho de quem não vê de maneira ocular. Na verdade, a premissa básica que parece se apresentar à AD é a de conferir condições às pessoas com deficiência visual de construir seus próprios significados. E isso só irá emergir de maneira plena a partir de uma interação direta e mais igualitária entre o audiodescritor e a pessoa com deficiência visual, em sua atividade de co-construção sobre o ambiente (Mayer, 2019 p.164).

O estudo demonstra que a audiodescrição permanece, em grande medida, circunscrita a abordagens técnico-instrumentais, o que limita seu reconhecimento como prática discursiva e como mediação produtora de sentidos no campo comunicacional. Ao tensionar esse problema, este estudo contribui para o campo da Comunicação ao reafirmar a diversidade comunicacional como uma questão epistemológica central a ser refletida.

Neste sentido, os resultados da pesquisa indicam que a comunicação acessível, longe de representar um campo estabilizado, revela-se como território em disputa, com a demanda de aprofundamentos teóricos que incorporem as condições históricas de produção de sentido da pessoa com deficiência visual, na esfera da Comunicação, por meio da audiodescrição.

Assim, a dissertação oferece contribuição relevante às epistemologias da Comunicação ao demonstrar que pensar a diversidade comunicacional implica deslocar modelos hegemônicos e ampliar o próprio entendimento do que se reconhece como experiência comunicativa legítima. Ao evidenciar que esse debate permanece aberto, necessário e politicamente implicado, o estudo reafirma a centralidade da audiodescrição como objeto de investigação contemporâneo e estratégico para o campo comunicacional.

As formulações aqui produzidas contribuem, assim, para posicionar a audiodescrição como no centro da Comunicação, afirmando-a como um dispositivo de mediação que amplia o direito à intersubjetividade da pessoa com deficiência visual. Este trabalho se encerra, portanto, com a convicção de que investigar a audiodescrição é investigar a própria comunicação humana e suas estratégias de significação e, sobretudo, seus compromissos éticos com a diversidade comunicativa.

Toda a reflexão realizada nesta pesquisa aponta para a afirmação de que a Comunicação precisa inserir a audiodescrição como fundamento epistemológico da diversidade comunicativa humana, que extrapola uma função de instrumento técnico de acessibilidade e que amplia as possibilidades da construção de sentido da pessoa com deficiência visual, no sentido de assegurar o direito à sua participação como sujeito ativo no campo da Comunicação.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. ***Estética da criação verbal***. Tradução do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira. Revisão de Maque apontaller. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior).
- BAKHTIN, Mikhail. ***Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem***. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. ***Questões de literatura e de estética: a teoria do romance***. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BARBERO, Jesús Martín. ***Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia***. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- BENJAMIN, Walter. ***A obra de arte na era de sua reprodutividade técnica***. Porto Alegre: L&PM, 2017.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Obras escolhidas III. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BUCCI, Eugênio. **A superindústria do imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CASTRO, Marina Ramos Neves de. **As formas sociais do gosto: sensorialidades e sensibilidades na Feira do Guamá**. Curitiba: Appris, 2018.

CASTRO, Marina Ramos Neves de; CASTRO, Fábio Fonseca de. **Comunicação banal e cotidiano em um mercado de Belém**. *E-Compós*, [S. l.], v. 25, 2022. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2504>. Acesso em: 21 ago. 2025.

FANTINEL, Letícia. **As sociabilidades nas organizações: da sociologia formal às interações cotidianas**. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, Salvador, v. 5, n. 2, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/12513/11741>. Acesso em: dia mês ano.

FRANCO, Eliana Paes Cardoso; SILVA, Manoela Cristina Correia Carvalho. Audiodescrição: breve passeio histórico. In: MOTTA, Livia Maria Villela de Melo; ROMEU FILHO, Paulo (org.). **Audiodescrição: transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/planejamento/prodasm/arquivos/Livro_Audiodescricao.pdf. Acesso em: dia mês ano.

JAKOBSON, Roman. **Aspectos linguísticos da tradução**. In: JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1985 [1959]. p. 63–72.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. Organização de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação: projetos, ideias, práticas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MAYER, Flávia Affonso. **A importância das coisas que não existem: a construção e referência de conceitos de cor por pessoas com cegueira congênita**. 2016. 230 f. Tese (Doutorado em Letras - Linguística) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MONDZAIN, Marie-José. **Imagem, sujeito, poder**. Outra Travessia, Florianópolis, n. 22, p. 175–192, 2016. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2016n22p175/34653>. Acesso em: dia mês ano.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Relatório 2024 da Pró-Reitoria de Assistência e Acessibilidade Estudantil da UFPA**. Belém: UFPA, 2024. Disponível em: rel.2024.pdf. Acesso em: 13 out. 2025. <proaes.ufpa.br/documentos/relatorio/rel.2024.pdf>

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

ANEXO

Termo de consentimento assinado pelos participantes dos grupos focais

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Audiodescrição: da tradução à mediação como produção de sentido sentidos por pessoas com deficiência visual

Pesquisadora responsável: Ana Lúcia Oliveira da Cruz

Instituição: Universidade Federal do Pará (UFPA)

Programa: Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM/UFPA)

Orientadora: Professora Dr^a Marina Ramos Neves de Castro

Contato da pesquisadora: mrmdcastro@gmail.com

1. Apresentação

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa de mestrado que busca compreender **como a audiodescrição atua como mediação comunicacional** no processo de construção de sentidos por pessoas com deficiência visual.

Sua participação é **voluntária** e muito importante para que possamos compreender de forma mais profunda como a audiodescrição contribui para o acesso à informação e à cultura.

2. Objetivo da pesquisa

A pesquisa tem como objetivo analisar como as pessoas com deficiência visual percebem, interpretam e constroem sentidos a partir da audiodescrição de imagens.

O grupo focal será um espaço de diálogo, em que você poderá expressar suas opiniões, percepções e experiências com a audiodescrição.

3. Procedimentos

A atividade será realizada em grupo, com duração aproximada de **1 hora** e será **gravada em áudio** para que as falas possam ser analisadas posteriormente.

Durante o encontro, será apresentada **uma audiodescrição de uma imagem**, e os participantes serão convidados a comentar o que compreenderam, sentiram ou imaginaram a partir delas.

Não haverá qualquer tipo de avaliação ou julgamento das respostas. O interesse é compreender as **percepções e sentidos produzidos pela mediação da audiodescrição**.

4. Riscos e desconfortos

A participação não envolve riscos físicos, financeiros ou psicológicos. No entanto, caso surja algum desconforto emocional, o(a) participante poderá interromper sua participação **a qualquer momento**, sem precisar justificar o motivo.

5. Benefícios